

# UMBANDA

guia e ritual  
para  
organização  
de terreiros

TANCREDO DA SILVA PINTO

BYRON TÔRRES DE FREITAS



EDITORA ECO



## **O Antigo e Verdadeiro Livro dos Sonhos**

Trata-se verdadeiramente de um livro sui generis pois a preferência do público em consultá-lo tornou-se um hábito diário. visto englobar em suas páginas o maior número de sonhos revelados até hoje. Os sonhos são interpretados — segundo o sábio AKNATON — RA. Em nova edição, bastante amplada.

---

## **A Cruz (Milagrosa) de Caravaca**

É uma obra raríssima no gênero. visto que neste compêndio estão inseridas todas as orações que desde tempos imemoriais vem sendo oradas com a maior devoção, advindo o bem àqueles que nelas confiam. Não poderíamos portanto, deixar de trazer à luz este valioso livro. Tenha sempre em casa este livro maravilhoso, pois trata-se do mais útil até hoje publicado.

# O Livro Gigante de São Cipriano (Capa Preta)

Com um Oráculo de 50 Segredos Úteis, este livro tornou-se um dos mais célebres no gênero, difundido em todo o Brasil; seu original, extraído do *Flor Santorum*, contém segredos milenares e extraordinários tais como os Tesouros do Feiticeiro — Poderes ocultos, cartomancia, orações e esconjuros — Tesouro da Mágica Preta e Branca ou os Segredos da Feitiçaria — Nomes dos demônios que atormentam as criaturas, e porque é que Deus consente que eles as mortifiquem. Receita para obrigar o marido a ser fiel. Receita para se fazer amar pelas mulheres, e vice-versa. Oração para assistir os enfermos na hora da morte, etc.

É um livro de uma forte essência de poderes que não deve deixar de ser consultado em todas as ocasiões.

O único livro que contém a oração da Cabra Preta Milagrosa.

***Guia e Ritual Para Organização  
de Terreiros de Umbanda***

---



# Editora Eco

**IMPRESSO NO BRASIL**

**PRINTED IN BRAZIL**

**Copyright (C) 1972**

---

**Editora ECO**

**Ilustração da capa**  
**PAULO DE ABREU**

---

---

**Os conceitos emitidos são de inteira responsabilidade do autor.**

---

**Publicado pela EDITORA MANDARINO LTDA.**  
**C.G.C. 34.026.245.0001.00 — INSC. 81.202.540**

---

---

**RUA MARQUES DE POMBAL,**  
**172 — CALXA POSTAL 11 000**  
**ZC-14 — Telefone: 221-5016 —**  
**RIO DE JANEIRO - RJ . BRASIL**

TANCREDO DA SILVA PINTO  
e  
BYRON TÔRRES DE FREITAS

***GUIA E RITUAL PARA  
ORGANIZAÇÃO DE TERREIROS  
DE UMBANDA***

ORGANIZAÇÃO JURÍDICA  
ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA  
ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA

7ª EDIÇÃO ●



EDITORA ECO

## **APROVAÇÃO**

Esta obra é aprovada pelas seguintes entidades associativas:

- UNIÃO NACIONAL DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS;
- FEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO;
- INSTITUTO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS;
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRADIÇÕES POPULARES;
- CONGREGAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL.
- CÍRCULO DE ESCRITORES E JORNALISTAS DE UMBANDA DO BRASIL.

# **OS OBJETIVOS DA CONGREGAÇÃO ESPIRITA UMBANDISTA DO BRASIL**

Desde tempos idos que adeptos do Culto, queriam que se fundasse uma Organização, e que esta viesse a dar personalidade jurídica a seus Sacerdotes, dentro dos Cultos Afro Ameríndios Brasileiros com princípios básicos dentro do seu Código de Ética, obedecendo a Carta Sinódica. Enfim; que tudo fosse registrado e reconhecido, para que sua religião tivesse amparo legal dentro das leis vigentes do país em sua base fundamental.

Muitos não desconhecem que as demarches, já há tempos vinham se articulando para que este sonho se tornasse realidade, qual seja, o Registro Legal do ORBONE, pois após seu reconhecimento pelas autoridades teríamos base, para separarmos os maus elementos que impregnam com Cultos diferentes o RITO SAGRADO DA UMBANDA. Por tudo isto veio a se criar a CONGREGAÇÃO ESPIRITA UMBANDISTA DO BRASIL, que baseada no ORBONE, dará personalidade jurídica a seus Sacerdotes.

Dirigida por homens de comprovado gabarito, que deram bastante de sua existência para a manutenção do bom nome da Umbanda, perante toda sociedade brasileira, hoje a Congregação Espirita Umbandista do Brasil é uma REALIDADE. Parabentzamo-nos com o TATA TI INKICE Tancredo da Silva Pinto, por mais esta insofismável vitória em prol de tão bela causa, assim como o seu constante e fiel amigo Mamede José D'Ávila, incansável e grandioso por tão nobre objetivo. Byron Tôrres de Freitas uma das bases fundamentais José Alcides, sempre atuante. José Carlos Sampaio um sangue jovem na antiguidade tradicional de uma Seita, e sua Diretoria, formada por estes grandes alicerces:

**Presidente: Martinho Mendes Ferreira**

**Vice-Presidente: Paulo Vieira**

**1.º Secretário: Elzita Gomes Salles**

**2.º Secretário Paulo Jorge do Espírito Santo**

**1.º Tesoureiro: Arthur da Silva Sá**

**2.º Tesoureiro: Arnaldo dos Anjos Martins.**

A nossa entidade; CONGREGAÇÃO ESPIRITA UMBANDISTA DO BRASIL, está registrada no REGISTRO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS, Cartório Castro Menezes, sob o n.º 18.678 no livro A.8 e do Protocolo 51.394 em 29 de fevereiro de 1968.

A CONGREGAÇÃO ESPIRITA UMBANDISTA DO BRASIL, tem como finalidade: a difusão dos Cultos Afro-Ameríndios do Brasil, aos seus filiados e à população em geral, em todo território nacional,

a credenciação, ordenação e graduação de sacerdotes do Culto que em seu nome exerceram suas atividades difundindo doutrinas e práticas de rituais de acordo com o disposto no ORBONE, a orientação e supervisão do ponto de vista dos rituais dos terreiros que SE FILIAREM à Congregação Espírita Umbandista do Brasil.

A CONGREGAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL, tem os seguintes departamentos: — ADMINISTRATIVO, ASSISTENCIAL, CULTURAL, PROPAGANDA, COMERCIAL, SACERDOTAL, TESOUREARIA e JURÍDICO.

A CONGREGAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL, da admissão, deveres e direitos: — São associados da Congregação os sócios admitidos, os Terreiros que se queiram filiar livremente, desde que se submetam as disposições do Código de Ética da CEUB e de seu Estatuto. Poderão ainda se filiar as Federações já existentes e qualquer sociedade de natureza espírita. **SÃO OS DIREITOS DO ASSOCIADO:** — O uso da dependência da CEUB, o uso da Carteira de associado, a participação nas solenidades e festividades quer do Culto quer recreativa da CEUB, a ordenação, credenciação e graduação sacerdotal dentro das disposições do ORBONE, votar e ser votado desde que, quites com sua mensalidade, a utilização dos benefícios dos diversos Departamentos na forma disposta dentro do Estatuto da CEUB, e participação nas Assembléias. As entidades associadas far-se-ão representar por seu Presidente podendo qualquer dos integrantes das mesmas associar-se individualmente gozando dos mesmos direitos e com as mesmas ou mesmos deveres. **SÃO DEVERES DO ASSOCIADO:** — Respeitar as disposições do Estatuto e do Código de Ética, pagar em dia suas mensalidades, acatar as resoluções da Diretoria Executiva do Conselho Deliberativo, dos diversos Diretores de Departamento e de seus superiores do Culto dentro das disposições do ORBONE, zelar pelo bom nome da CEUB, zelar pelo seu patrimônio e bens, manter sempre em mente o espírito de camaradagem que deve reinar entre todos os irmãos do Culto. Submeter-se aos cursos e práticas dos preceitos e Rituais do Culto desde que iniciados na graduação sacerdotal, respeitar as leis vigentes do país e as autoridades constituídas e manter o decôro abster-se de ditar divulgação de qualquer credo político dentro das dependências da CEUB, bem como o da utilização do nome da mesma para tal fim.

É VEDADA a entrada de qualquer membro que confesse credo político partidário contrário à ordem política dos pais bem como daqueles que neguem a existência de Deus.

O CONSELHO DELIBERATIVO DA CONGREGAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL é formado pelos seguintes membros:

TANCREDO DA SILVA PINTO — MAMEDE JOSÉ DAVILA — BYRON TORRES DE FREITAS — JOSÉ ALCIDES e TANCREDO BRAS DA SILVA.

## ***Prefácio***

*Como "Cassueto" do "Omolocô", venho pesquisando várias obras dos Cultos Afro-Brasileiros, tendo a dizer aos "Malungos" e pesquisadores leigos no assunto, que toda obra é boa e aconselho mesmo que todos leiam obras deste teor, pois, terão oportunidade de apreciar e analisar bem os autores e os livros. A Editora Eco, porém há muito vem divulgando e trabalhando mais para a elevação dos Cultos Afro-Brasileiros, não faz mais que a obrigação, segundo o seu diretor e amigo da Umbanda, Sr. Mandarino, pessoa que muito nos é grata, procura sempre os autores autênticos das obras de Umbanda e lança agora com coragem e dinamismo um livro deste consagrado "Tata" Tancredo da Silva Pinto, ao mesmo tempo que deixa aos leitores a análise pura e simples da obra.*

*Dentro da obra de cada autor, verifica-se sempre um pouco de verdade e boa vontade, mas isto só não basta, pois Umbanda requer profundos conhecimentos, onde esbarramos sempre em autores que escrevem baseados nas obras dos outros e que não passam de verdadeiros plagiadores e que nós denominamos de "Autores de Gabinete" de obras feitas.*

*A pedido do meu "Tata" para dar uma justa opinião, prefaciando este livro, lançado pela Editora acima mencionada, achei que dentro deste livro encontram-*

*se grandes ensinamentos para aqueles que têm sede de saber e inclinações para o umbandismo.*

*Note-se nesta obra a finalidade precípua da Organização dos Terreiros de Umbanda, coisa que é feita nos princípios básicos de conhecimentos de tal assunto. Procuram também os dignos autores, situar a hierarquia sacerdotal com acuidade e capricho.*

*Agradeço a oferta que me fizeram e parabenizo-me com o Editor por publicar este livro pequeno, porém grande, muito grande mesmo no meu entender.*

PAULO DE ALUFA

## *Introdução*

*Minha grande Umbanda que vem dos Lundas-Quicós, tribo situada ao sul de Angola, de grande fundamento e tão deturpada, devorada e cobiçada por uma avalanche de mentores e aventureiros de todas as camadas sociais e que dizem ser Umbanda uma religião nacional. Muito bem; alegro-me de ouvir coisas e palavras tão bonitas, mas entristeço-me porque esses mentores e aventureiros dizem que a Umbanda é isso e aquilo, quando em realidade esses falsos elementos não possuem sequer o grau hierarquico de 'Iniciado'.*

*Se lhes perguntarem, dentro dos Cultos Afro-Brasileiros, onde encontramos autênticos baluartes e sábios de Umbanda que inocentemente lhes serve de capa, pois sabem os autênticos que se tratam de elementos perniciosos, mas que a humildade não lhes deixa desmascara-los, tão grande é a pena que sentem por esses intrusos, espertalhões, políticos e ainda os de interesse puramente promocional, enfim se lhes perguntarem o que realmente é Umbanda, nada sabem responder porque nada sabem em verdade. Não mais permitiremos que indivíduos sem escrúpulos queiram desvirtuar o nome da nossa querida Umbanda.*

*Os focas da imprensa, sem apurar devidamente os fatos, lançam tudo que é falso em cima da Umbanda, perdão, em cima da "Macumba", nome com que julgam designar Umbanda.*

O Sr. Chefe de Polícia de Brasília, capital de república, informado pelos falsos "entendidos" ameaçou fechar os terreiros de "Macumba" em virtude de coisas absurdas acontecidas e os embusteiros açodadamente esquentaram a cabeça do Sr. Chefe de Polícia, que imediatamente com a febre do veneno atuando em seu cérebro, tomou esta decisão drástica. É preciso por um ponto final nisto tudo; chamar estes mistificadores à razão e denunciá-los não só ao Sr. Chefe de Polícia, mas também ao público.

Estamos providenciando a respeito e já temos em mãos pronto um livro que será o "Código de Ética" e que se denominará "Orbone", que assim aprovado e publicado, desmascarará por certo os inescrupulosos, aventureiros, pois o verdadeiro Código tem já a sanção dos Sacerdotes dos Cultos Afro-Brasileiros, sendo ainda registrado no cartório de pessoas jurídicas e deverá ser reconhecido em breve pelas altas autoridades do País.

Estamos regulamentando tudo para exercermos uma fiscalização rigorosa e denunciar realmente às autoridades das irregularidades por ventura cometidas por quem de direito e com isso, creio, sanearemos todos os erros até aqui registrados e constatados por nós.

Nos lugares que temos percorrido tais como: Zona da Mata, Triângulo Mineiro, Minas Gerais, São Paulo, Góias, Paraná, Estado do Rio de Janeiro e Espírito Santo, Pernambuco, enfim, por esses brasis afóra, conclamamos sempre as autoridades locais para explanação e verificação "in loco" do certo, no que temos sido sempre aplaudidos e incentivados pelas próprias autoridades no sentido de continuarmos e prosseguirmos em nossas visitas de esclarecimento.

Apoio incondicionalmente à todos que queiram cerrar pileiras conosco no sentido de doutrinação moral e

*organização, obedecendo os rígidos princípios religiosos de todos sem ferir naturalmente o "Código de Ética", o Código Penal, Constitucional que dão direito a todos professarem a religião que acharem melhor em todo território nacional, sendo livre ao homem escolher a religião que abraçará.*

*Urge um clamor contra o materialismo ateu e conclamamos todas as religiões para que extirpem do seu seio esse tumor maligno, que causa confusão e traz a semente da inimizade cristã-religiosa.*

*Tata Ti Inkice*

**TANCREDO DA SILVA PINTO**



***Organização***

***Jurídica***



## ***Como organizar juridicamente um Terreiro e registrá-lo?***

Há um fato histórico comprovado, no Brasil: mesmo na vigência do período do Brasil-Colônia e do Brasil-Império, quando o catolicismo era a religião oficial, a religião do Estado, outros cultos religiosos puderam sobreviver, embora precariamente.

No período republicano, no entanto, sem religião oficial, os cultos de origem africana e ameríndia não foram tolerados, situação que se agravou durante a ditadura do Estado Novo. Então, a polícia invadia, depredava e saqueava os terreiros onde se praticava culto afro-brasileiro. As prisões se sucediam, com afrontas, humilhações e pancadas, próprias de autoria de gente degenerada, de tal estôfo eram os tais “agentes da autoridade”, autênticos marginais da pior espécie.

Mas, em 1946, foi promulgada a nova Constituição dos Estados Unidos do Brasil, no Governo Eurico Dutra. Data daí uma completa transformação no panorama religioso de nossa Pátria.

\* \* \*

Com efeito, a Constituição de 1946 estabelece, ao enumerar os direitos individuais, no seu art. 141, § 7.º que:

§ 7.º — É inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos, salvo o dos que contrariem a ordem pública e os bons costumes. As associações religiosas adquirirão personalidade jurídica na forma da lei civil.

A lei civil, aplicável à espécie, é o Código Civil Brasileiro, que dispõe:

Art. 19 — O registro declarará:

I — A denominação, os fins e a sede da associação ou fundação.

II — O modo por que se administra e representa, ativa e passiva, judicial e extrajudicialmente.

III — Se os estatutos, contrato ou o compromisso são reformáveis no tocante à administração, e de que modo.

IV — Se os membros respondem ou não, subsidiariamente, pelas obrigações sociais.

V — As condições de extinção da pessoa jurídica e o destino do seu patrimônio nesse caso.

Assim, como uma associação religiosa adquire personalidade jurídica? Mediante o seu registro no cartório do registro civil das pessoas jurídicas.

O decreto federal n.º 4.857, de 9 de novembro de 1939, atualizado pela legislação posterior, é que regula o assunto.

Preceitua esse decreto — o decreto dos registros públicos — em seu art. 1.º:

“Art. 1.º — Os serviços concernentes aos registros públicos estabelecidos pelo Código Civil, para autenticar-

dade, segurança e validade dos atos jurídicos, ficam sujeitos ao regime estabelecido neste decreto.

Esses registros são:

- I — o registro civil das pessoas naturais;
- II — o registro civil das pessoas jurídicas;
- III — o registro de títulos e documentos;
- IV — o registro de imóveis;
- V — o registro da propriedade literária, científica e artística.

Art. 2.º — Os registros indicados nos números I a IV, do artigo anterior, ficarão a cargo de serventuários privativos e vitalícios, nomeados de acordo com a legislação em vigor no Distrito Federal, nos Estados e nos Territórios e serão feitos:

1.º — O de n.º I, nos ofícios privativos ou nos cartórios de registros de nascimento, de casamentos e de óbitos;

2.º — os de ns. II e III, nos ofícios privativos, ou nos cartórios do registro de títulos e documentos;

3.º — os de n.º IV, nos ofícios privativos, ou nos cartórios de registro de imóveis.

E, mais adiante:

Art. 122 — No registro civil das pessoas jurídicas serão inscritos:

I — Os contratos, os atos constitutivos, os estatutos ou compromissos, das sociedades civis, religiosas, pias, morais, científicas ou literárias, e as associações de utilidade pública e das fundações;

II — as sociedades civis que revestirem as formas estabelecidas nas leis comerciais.

Art. 127 — A existência legal das pessoas jurídicas só começará com o registro de seus atos constitutivos.

## CONSEQUÊNCIAS LEGAIS

Assim, na forma dos dispositivos legais citados, concluímos que:

1.º — É livre o exercício de qualquer culto religioso, que não ofenda os bons costumes nem perturbe a ordem pública;

2.º — A associação religiosa (centro, tenda, terreiro, cabana, grupo etc.) deve ser registrada em cartório do registro civil das pessoas jurídicas;

3.º — É ilegal a concessão, pela polícia civil, de “alvarás” de funcionamento, mesmo a título gratuito, o que geralmente não acontece, pois tais “alvarás” são pagos e, na maioria dos casos, a quantia cobrada não é recolhida aos cofres públicos, constituindo, pois, uma verdadeira extorsão, punida por lei;

4.º — As delegacias de costumes e seus funcionários (Poder Executivo) não podem fazer registros de centros e terreiros, atribuição privativa dos cartórios de registros de pessoas jurídicas (Poder Judiciário);

5.º — A polícia não tem atribuição legal para intervir nem no ritual nem no horário das cerimônias públicas ou privadas de qualquer culto religioso, seja católico, protestante ou umbandista etc.

Há ainda, outro aspecto importante do problema religioso no Brasil. O Brasil aprovou, subscreveu e se comprometeu perante os países civilizados a cumprir a **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM**, referente aos direitos e garantias individuais, inclusive o da liberdade de culto religioso, em recinto privado ou em praça pública.

Esse documento internacional deve ser honrado pelos brasileiros.

## ***Orientação Prática***

Damos, pois, aos centros e terreiros, a seguinte orientação prática:

I — Procurar, no Estado da Guanabara, a Congregação Espírita Umbandista do Brasil (CEUB) ou a União Nacional dos Cultos Afro-Brasileiros; procurar, no Estado do Rio, a Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro; procurar, nos demais Estados, a respectiva Federação Espírita Umbandista.

II — Preparar um mapa da diretoria do centro ou terreiro, com a qualificação necessária, e uma relação de sócios fundadores.

A Congregação, a União dos Cultos e a Federação do Estado do Rio dispõem de Estatutos padronizados, já impressos, além dos outros documentos exigidos, também padronizados e impressos.

Estão igualmente habilitadas a encaminhar requerimentos de isenção de impostos, a favor de centros e terreiros, na forma da lei competente, isto é, a lei federal n.º 3.193, de 4 de julho de 1957. São vantagens legais, decorrentes do registro em cartório.



# ***Organização***

## ***Administrativa***



## ***Organização***

### ***Administrativa de um Terreiro***

Todo o Centro ou Terreiro, para ser registrado em cartório e adquirir personalidade jurídica, deve ter uma Diretoria.

A organização administrativa que aconselhamos, com a nossa longa experiência, é a seguinte: Presidente (vitalício), Secretário, Tesoureiro e Procurador. Se o Presidente não é vitalício, será necessário registrar nova Diretoria, logo que expire o mandato da antiga. Com o Presidente vitalício, o terreiro evitará freqüentes despesas em cartório, com os registros de novas Diretorias.

Quando o Presidente é o Chefe do Terreiro, nas ocasiões em que está “manifestado” quem dirige administrativamente o Centro ou Terreiro é o Secretário, com autoridade suficiente para resolver os casos que surgirem.

Na parte religiosa, entretanto, os casos a resolver ficam afetos aos auxiliares do chefe do terreiro, conforme a hierarquia sacerdotal de nossa seita.

Aconselhamos, do mesmo modo, que o Diretor ou Diretora Espiritual seja também vitalício. Damos, a seguir, as atribuições da Diretoria.

Compete aos membros da Diretoria:

a) ao Presidente: — promover a execução do programa da entidade, representar legalmente a entidade, para todos os efeitos, em juízo ou fora dele; presidir as reuniões e cerimônias; autorizar os pagamentos necessários.

b) ao Secretário: — dirigir os serviços da Secretaria e secretariar as reuniões e assembléias.

c) ao Tesoureiro — arrecadar e receber os valores provenientes de contribuições, auxílio, subvenções e mensalidades; realizar os pagamentos necessários; apresentar balancetes mensal e anual do movimento financeiro da entidade.

d) ao Procurador: — representar a entidade, junto às autoridades públicas e particulares, a critério do Presidente.

# ***Organização***

## ***Religiosa***



## ***Organização Religiosa de um Terreiro***

### **Cultos, Nações e Linhas**

A África, do ponto de vista dos cultos afro-brasileiros, compreende dois grandes grupos étnicos, isto é, raciais:

I — sudaneses (centro-norte);

II — bantus (centro-sul).

Se, todavia, quisermos maior precisão, devemos considerar o que sociologicamente se denomina “cultura” isto é, o conjunto dos costumes, hábitos, crenças religiosas, a moral, as leis, as invenções mecânicas e os objetos ornamentais. Nina Rodrigues dá a seguinte classificação das culturas africanas:

**Culturas sudanesas:** Iorubás (nagô); Ewês (gêge); Fanti-Ashanti.

**Culturas sudanesas negro-maometanas:** Haussás; Tapas; Mandingas; Fulas.

**Culturas bantus:** Angola-Conguense; Moçambique.

O grupo negro-maometano, também originário do Sudão, ocidental, constitui a cultura malê, sendo o sis-

tema religioso desses povos um sincretismo da lei de Maomé com os cultos nativos, observando-se práticas de magia e adivinhação (mandingas). Atualmente o culto malê, dos massurimins, muçulmis, está representado apenas por alguns poucos terreiros, no Brasil.

Há uma nitida diferença entre os cultos de origem sudanesa e os de origem bantu. Praticamente, o ramo sudanês tem sua maior expressão no culto nagô (candomblé) e o ramo batu no culto de Angola.

Ainda no grupo sudanês, aproximados de nagô, notam-se os cultos de Kêto e de Igexá.

No culto de Gêge, há três derivações principais: o Gêge propriamente dito, o Efan (gêge da cara cortada) e o Mina-Gêge. Rigorosamente, não há um grupo racial com o nome de Mina-Gêge. Acontece que esses daomeanos procediam de um estabelecimento português na Costa d'África, o forte de São Jorge da Mina. Chegados ao Brasil esses africanos gêges foram denominados "Minas".

No antigo reino do Daomé, o território se dividia em três grandes províncias, uma das quais era a dos Fanti-Ashanti.

Não estamos orientando estes estudos sob um critério rigorosamente etnológico, porém religioso.

No grupo bantu, sobressai o culto de Angola, diferente do candomblé, não somente pela linguagem como pela cadência dos tambores, cerimônias de iniciação sacerdotal e outras práticas do ritual.

Cultos bantus são também o Congo, o Moçambique, o Guiné (muito interessante), o Benguela, o Cambinda, o Lunda-Quiôco. Do Lunda-Quiôco é que parece provir o culto do Omolocô, que tem bandeira e adota uma lei semelhante à de Angola.

Voltando ao nagô, ressaltamos duas seitas que nele se entrosam: primeira — o Xangô do Nordeste, com

uma forma de iniciação ou “feitura de cabeça” diferentes, mas parecidas com a angolense; segundo — o **Candomblé de Caboclo**, muito difundido na Bahia e em Pernambuco.

Mas são praticados no Brasil apenas esses cultos, que exigem certos recursos financeiros e demandam muito tempo.

Com efeito, a sua indumentária custa muito caro, hoje em dia. Um abundante material é gasto em cada cerimônia, na mais singela sessão de terreiro. Uma iniciação sacerdotal, completa, especialmente no candomblé e no Angola, vale agora, financeiramente, dois mil cruzeiros ou mais.

Em tais condições, outros cultos populares vão se expandindo, em virtude da simplicidade de seu ritual. Há umas duas dezenas de anos, no Rio, predominavam os centros espíritas. Mas os tempos vão chegando. Os pretos-velhos e os caboclos começaram a se manifestar nos centros de “mesa”. Foram repelidos, pela incompreensão de muitos dos seus presidentes. Alguns médiuns não concordaram com essa discriminação, pois os espíritos desencarnados que se apresentam como “pretos-velhos” são, em sua maioria, espíritos evolutivos adiantados, em missão de caridade.

Daí o aparecimento de numerosos centros que deixaram de ser “de mesa” para se transformarem em “terreiro”.

A Umbanda, que é um sincretismo bantu-kardecista, com imagens católicas, esperava essa oportunidade. E os terreiros umbandistas cresceram, em número, no Rio, no Estado do Rio, em São Paulo, em Minas Gerais, no Rio Grande do Sul etc.

Antes do florescimento da Umbanda, no qual os autores deste livro exerceram papel muito importante

— e não fogem a essa responsabilidade — havia outros cultos populares, que passamos a enumerar:

1. A **Pajelança**, a dança do pajé, no Maranhão, no Pará e no Amazonas, derivação dos cultos ameríndios.

2. O **Catimbó** do Nordeste, notável pela grande força espiritual de seus Mestres — Mestres Carlos, Zé Pelintra e outros.

3. A **Linha das Almas**, de origem africana, embora muitas pessoas a considerem de procedência kardecista.

Resumimos, assim, o que ficou acima escrito:

### CULTOS AFRO-BRASILEIROS

**Sudaneses:** Iorubás — Nagô, Kêto, Igexá; Gêges — Gêge, Efân, Mina-Gêge; Para-Nagôs — Xangô do Nordeste, Candomblé de Caboclos; Malês — Haussás, Tapas Fulas, Massurumi.

**Bantus:** Angola — Angola, Omolocô; Guiné; Congo; Moçambique; Benguela.

### SEITAS AFRO-AMERÍNDIAS

Pajelança; Catimbó; Linha das Almas.

### HIERARQUIA SACERDOTAL (Nagô)

No terreiro cada figura tem sua função própria, havendo uma perfeita hierarquia sacerdotal.

**Babalorixá (homem)** — chefe do terreiro

**Ialorixá (mulher)** — chefe do terreiro

**Iakekerê** — mãe-pequena

**Peji-gan** — o que toma conta do terreiro

**Alabê** — o tocador de tambor



O tata Tancredo, em Uberlândia — Minas Gerais, cumprimentando a Ialorixá d. Irene, competente umbandista

Otún-alabê — auxiliar do alabê  
Axôgún — o que sacrifica os animais  
Otún — axogún — auxiliar de axogun  
Ebami — filha mais velha do terreiro  
Adagan — filha que despacha os Exus  
Si-dagan — auxiliar da Adagan

Ialaxé — zeladora do Axé das filhas do terreiro  
Iatabexe — a que canta  
Iabom — filha de mais de 7 anos  
Iabonan — filha de santo “feita”  
Iamorô — a que toma conta das filhas na camarinha  
Otún-amorô — auxiliar do iamorô  
Iabacé — a que está se iniciando  
Iabian — o que está se iniciando.

### **Angola**

Otata — sacerdote chefe do terreiro  
Otata ti inkice — o sacerdote que “faz” o santo  
Mamêto — mãe de Inkice (santo)  
Muzenza — filha de santo, no gonzemo (santuário)  
Sarapebé — cambono

### **Omolocô**

Tata — sacedote-chefe do terreiro  
Ganga — sacerdote  
Ginja — sacerdotisa  
Macóta — ajudante do ganga  
Macamba — filho do terreiro feito  
Camba — adepto  
Cóta — zeladora do santo  
Ogã colofé — Ogã de confiança  
Ogã de atabaque — Ogã de tambor

Ogã do terreiro — Ogã responsável pelo terreiro  
Samba — dançarina sagrada  
Cambone — auxiliar, com os nomes de cambono de  
    ebó e de gira  
Iabá — cozinheira

### **Cambinda**

Ganga — sacerdote-chefe do terreiro  
Tata — sacerdote  
O restante — igual ao Omolocô

### **Gêge**

Vodúno — o sacerdote-chefe  
Vodunci — filha de santo

### **Umbanda de Caritas**

(Culto procedente do Kardecismo, que pratica a Umbanda, recebendo coboclos e preto-velhos).

Embanda — o chefe  
Cassuêto — médium mais desenvolvido  
Tempo-cassuêto — médium a se desenvolver  
Cambone — ajudante, que abre e fecha a gira  
Ogã — o que canta e tira os “pontos”.

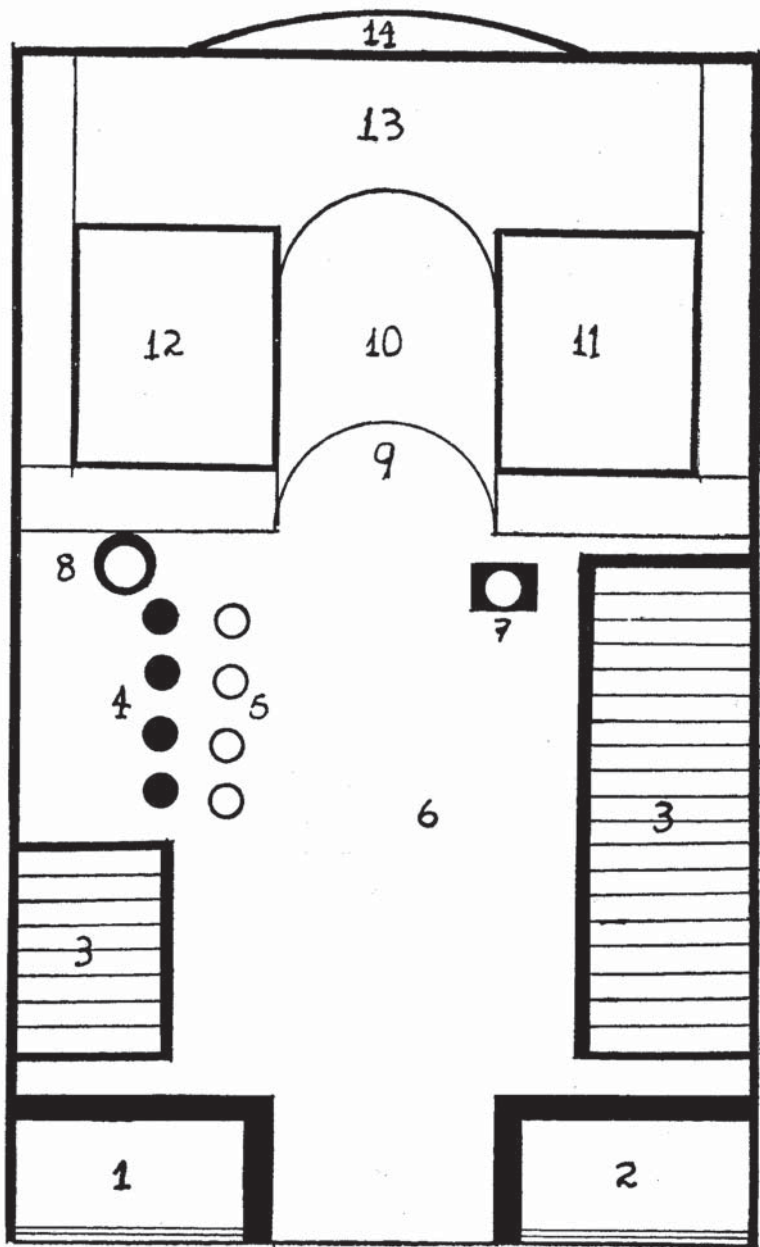
Nota — Essa umbanda não tem organização própria, imita a dos umbandistas, mas usando sapatos brancos em soalhos taqueados. Muito espalhada no Estado da Guanabara, com o rótulo de “Umbanda de branco”. Pratica a caridade sinceramente, com muita fé. Constitui a “Ordem de Caritas da Umbanda”, porque abre o centro com a prece de Caritas, de muita força espiritual.

## ***Quadro demonstrativo de um Terreiro***

O quadro que apresentamos na página a seguir, mostra como deve ser organizado um terreiro, numerado de 1 a 14, designando os lugares competentes para a perfeita organização dentro da lei umbandista.

Passamos a discriminar os lugares de acordo com a numeração assinalada no quadro da página ao lado:

1 — Secretaria; 2 — Portaria; 3 — Assistência; 4 — Filhos de Santo; 5 — Filhas de Santo; 6 — Abaça; 7 — Atabaque; 8 — Babalorixá; 9 — Stádio do Santo; 10 — Rôncó; 11. — Vestiário para homens; 12 — Vestiário para senhoras; 13 — Sala litúrgica; 14 — Cozinha de Santo.



## ***Preparação para abrir o Terreiro***

Em muitos terreiros, há uma espécie de abrigo ao lado. Nesse abrigo, acha-se um **otá** sentado, representando Exu e Pomba-Gira, os guardiães do terreiro. Lembra-se, a propósito, que Exu é o agente mágico universal, por cujo intermédio o mundo dos vivos se comunica com o mundo espiritual, em seus diversos planos (1).

O **otá** é feito de tabatinga e consagrado com um bode preto, um galo ou uma galinha etc., conforme descrevemos adiante.

Por isso, antes de se abrir um terreiro, e para evitar o mal visível e invisível que possa perturbar os trabalhos, reforça-se os guardiães de acordo com o preceito, isto é, dá-se o **mi-amimi** (farofa amarela), um **quico** (galo), agé (galinha), **menga de quicó** (sangue de galo) etc. Entrega-se ao cambono esse ebó, para ser levado ao destino conveniente, acompanhado de paratí, vela, cha-

---

(1) O grande cientista — filósofo e astrônomo francês — Abade T. Moreaux, cujos trabalhos tivemos o imenso prazer espiritual de ler, com a máxima reverência, em seu livro "Que há de ser de nós depois da morte?" pergunta se não será possível haver seres espirituais, de 4 **dimensões**, que podem à vontade atravessar portas e paredes, faculdade incompreensível para os homens, seres de 3 dimensões.

ruto etc. O Cambono deposita o ebó na encruzilhada escondida, em oferenda a Exu, para que este feche os caminhos aos maus elementos.

É errado dizer-se que tudo o que se vê na encruzilhada é para fins de magia negra.

Assim, o “despacho” (ebó) que se vê na encruzilhada pode ou não conter dinheiro. O ebó com dinheiro tem o objetivo de transferir o mal para o curioso que apanhar esse dinheiro. Tira-se o mal da pessoa amiga para descarregá-lo em algum simplório ou ganancioso. Nesse caso, os macumbeiros não estão jogando dinheiro fora. O ebó sem dinheiro é uma oferenda, uma obrigação que se cumpre.

Pode acontecer, entretanto, que o curioso tenha um forte anjo de guarda, que, sem ele o saber, o livra do mal. Dá-se, então, um choque invisível.

Para abrir o terreiro salva-se (saúda-se) primeiramente Exu. Depois, canta-se os outros pontos dos orixás, até Ibeji. Em alguns terreiros cruzados, canta-se em intenção à Linha das Almas.

Os componentes do terreiro apresentam a seguinte formação: — os cabeças maiores ficam no gongá, estado ou altar; os demais ficam no terreiro, com a mãe pequena à frente das “sambas” e o ogã do terreiro à frente dos cambonos. Quem transmite as ordens do babalaô ao terreiro é o cambono colofé.

Quando o babalaô dá o sinal para abrir o terreiro com a adejá (campainha), o ogã do terreiro tira os pontos para salvar o pessoal até o último orixá.

Todas as pessoas presentes são defumadas, com a finalidade de livrá-las dos maus fluidos e dos intrusos.

Está aberto o terreiro.

## *Consagração do Terreiro*

Há uma grande cerimônia preliminar à instalação de um terreiro afro-brasileiro. É o da sua consagração. Vamos descrevê-la, resguardando, todavia, o segredo que envolve os rituais de origem africana.

No início da construção do terreiro, ou, melhor, do salão principal, o abacé ou abassá, ou estado, cava-se um buraco na parte central do recinto. Salva-se a quem é principalmente destinado o terreiro, isto é, o orixá-guia dominante. Na abertura feita, coloca-se o material sagrado correspondente a esse orixá. É a segurança do terreiro, a força mágica que lhe concede o orixá da casa, a proteção contra os males visíveis e invisíveis. A cerimônia da consagração é ultra-secreta, somente sabida e assistida por um reduzido número de pessoas, escolhidas a dedo pelo babalorixá.

As pessoas habituadas na seita respeitam e sabem onde está a segurança do terreiro. Após cumpridos os preceitos, passa-se por cima da abertura cimento ou material equivalente, ao nível do solo.

Qualquer orixá (se for mesmo orixá) reverencia a “firmeza” e “segurança” do terreiro. Mas, tal segurança abrange também, em certos casos, o telhado da casa e o seu exterior. No portão de entrada, firma-se a segurança externa.

Assim, nas seitas de origem bantu, usa-se na porteira, “plantar o cambiá”, isto é, um objeto mágico a fim de impedir a entrada de maus indivíduos e de maus espíritos. O “cambiá” pode ser mesmo um animal vivo ou algumas de suas partes, quando morto.

Os rituais de “segurança” são, em geral, muito sigilosos. Poucos autores sabem descrevê-los, pela simples razão de que ignoram mesmo sua existência.

## ***Consagração dos “Otás”***

Otá é a imagem do orixá ou santo. O cerimonial da consagração do otá é semelhante à da iniciação.

O otá é apanhado nos lugares correspondentes ao orixá (mar, mata, cachoeira, rio etc.). Quase todos os otás são pedras de minérios (carvão) etc., como, por exemplo, os de Xangô, Oxum, Iemanjá. O otá de Exu é de tabatinga virgem, carvão ou tóco queimado.

Os otás recebem os amacis de acordo com o respectivo orixá (obi, orobô) menga (sangue) e massa (água).

Há sempre uma pessoa encarregada de tratar do otá. Só depois de preparado é que o objeto passa a ser otá, coisa consagrada.

No terreiro, cada dia da semana é dedicado a um otá, coisa consagrada.

No lugar onde se encontra o otá não entra pessoa alguma que não esteja com o corpo limpo, em condições, e de pés descalços. Os otás ficam sempre debaixo do altar onde se acham os santos católicos, nos terreiros que ainda adotam imagens católicas, devido ao entrosamento de que já falamos.

Uma vez por mês, efetua-se uma reunião entre os cabeças maiores do terreiro, jogando-se os búzios para se averiguar a situação de cada filho de santo ou crente, presente ou não.

Dá-se o nome de gongá, peji, estado ou aledá ao sítio onde se encontra o altar.

## ***Consagração do Adepto***

A consagração do adepto, na Umbanda, abrange vários graus e começa, mesmo, no nascimento do ser humano.

Preliminarmente, devemos ter em vista que o nascimento é um ato que tem a duração de um instante. A vida extra-uterina se inicia quando o nascituro recebe, nos pulmões, a primeira golfada de ar. Os pulmões se dilatam e o pequenino ser anuncia a sua entrada solene no mundo terráqueo, chorando e gritando.

É o espírito que toma posse do seu corpo. Na linguagem antiga, *spir* é o sôpro. Soprando no nariz de Adão. Deus lhe deu vida, como a respiração. Deixando o ventre materno, o nascituro assume a sua personalidade, distinta da dos demais seres vivos.

Houve, portanto, um instante, um minuto decisivo. Esse minuto faz parte de uma hora, essa hora de um dia. E, agora, eis o que é importante, na Umbanda: que dia da semana é esse?

E é importante, porque, no ciclo do tempo, o período de vinte e quatro horas, que não é apenas uma convenção humana, mas um fato da Natureza, está sob a influência de um ou mais espíritos celestes, sejam anjos, orixás, bacucos, vodúns, inkices etc.

Conclui-se, daí, que o dia do nascimento marca todo o destino da pessoa humana. O que chamamos de “anjo da guarda”, e alguns de “eu superior”, é caracterizado exatamente no dia do nascimento. Por isso, os umbandistas adotaram a sua “semana”, quase igual à semana dos iorubanos, ou nagôs.

Essa idéia de colocar sob o domínio dos espíritos superiores cada dia da semana não é propriedade dos cultos africanos. Os antigos — os egípcios, os gregos, os romanos — já compreendiam ser uma lei da Natureza a concepção espiritual do ciclo de vinte e quatro horas. Então, nas civilizações mediterrâneas, os deuses assumiam a forma de deuses solares, ou planetários. Assim, cada dia da semana correspondia a um determinado planeta, e esse planeta, por sua vez, era dominado por um espírito celeste.

Disposomos, por conseqüência, de um ponto de partida: o dia do nascimento da criança. Nos cultos de origem africana, a criança devia ser dedicada ao orixá do dia do nascimento. Em certas instituições semi-religiosas, há, mesmo, estudos completos sobre as características dos que nascem sob a influência de Mercúrio, de Saturno, de Vênus, de Júpiter, do Sol, de Netuno etc. E o mais interessante é que essas características, consideradas sob um prisma mais genérico, coincidem com as características que os umbandistas atribuem aos seus "santos". Mediante uma certa observação, repetida e aprimorada, pode-se dizer a que orixá ou bacuro pertence determinado indivíduo. Segredos da Natureza...

Mas, voltemos à consagração. Quando há dúvidas sobre o anjo da guarda de uma pessoa, o sacerdote afro-brasileiro recorre ao jogo dos búzios, ou delogún.

O delogún, através do qual falam os orixás, revela a verdade, desfaz as dúvidas.

Conhecido, pois, qual o anjo da guarda, ou orixá, da criança, efetua-se a primeira fase de sua consagração. Essa primeira fase é o **batismo no terreiro**, geralmente nos primeiros meses de vida. A reação de cada criança é impossível. Um chora, outra riem, outras ficam sérias, quando o sacerdote realiza o ritual do batismo.



Mãe-de-santo, em seu roncô atende suas filhas, consagrando as guias e colares

Aos sete anos, a criança, levada pelos pais, volta ao terreiro, para a cerimônia correspondente. Aos quatorze e aos vinte e um anos, idem.

Antes, porém, se a sua mediunidade for muito desenvolvida, e o sacerdote verificar que é chegado o momento de sua iniciação, a pessoa é recolhida à *camarinha* ou *aliaché*, conforme a “nação” indicada. Tal cerimônia, que tem a duração de seis meses, três meses, um mês, uma quízena, de acordo com o ritual do terreiro, constitui, na verdade, a segunda fase ou grau da consagração.

Não basta, todavia, a cerimônia da iniciação. O neófito deve cumprir todos os preceitos, e, anualmente, comemorar, no culto, a data da sua iniciação.

Entra, aí, o fator pessoal. Uns, seguem à risca todos os preceitos exigidos, e, com o decorrer do tempo e conforme as circunstâncias, se tornam sacerdotes e passam a zeladores de inkice, zeladores do “santo”. Outros, não. Limitam-se ao mínimo indispensável, no próprio interesse.

Há várias maneiras de servir o culto e o orixá. Determinadas pessoas receberam a missão de servir o culto como um todo, uma coletividade, enquanto outras circunscrevem a sua atuação aos limites do seu terreiro.

Subindo na hierarquia sacerdotal, o iniciado vai conquistando os postos da carreira religiosa, até que, ao completar os sete anos de sua iniciação, recebe o seu *decá*, isto é, a missão de officiar cerimônias religiosas, com os apetrechos que caracterizam o sacerdote afro-brasileiro: o *obé*, os *búzios* etc. O último grau, o grau supremo, é o de *babalaô*, o que joga, o que olha, os *ifás*, símbolo máximo da adivinhação religiosa.

Resumindo, assim, vimos que a consagração compreende três graus: 1.º — o batismo no terreiro; 2.º — a iniciação sacerdotal; 3.º — o recebimento do *decá*.

## ***A Iniciação Umbandista***

Quando se apresenta ao chefe do terreiro alguém com mediunidade, reúnem-se no gongá o babalaô, o ogã colofé e as outras cabeças maiores, jogam os búzios para saber o grau de mediunidade do candidato noviço, e a linha a que deve pertencer, verifica-se qual o seu anjo da guarda, marcando-se finalmente o dia para ser feita a obrigação.

O ogã colofé é o encarregado de apanhar as ervas de acordo com o anjo da guarda do pretendente, antes do nascer do Sol. Realiza-se, nessa ocasião, uma cerimônia à parte, consistindo em uma oferenda a Ossãe.

Faz-se com as ervas o amaci ou obori, conforme a linha.

O pretendente compra as vestes do ritual e escolhe o padrinho e a madrinha. Esta oferece a guia do anjo da guarda do neófito, e o padrinho oferece obi e orobô.

O noviço permanece 16 ou 20 dias na camarinha, deitado na esteira ou no lençol. Há uma pessoa encarregada de servi-lo, de acordo com o anjo da guarda.

Assistem à entrada na camarinha vários babalaôs convidados, juntamente com o padrinho e a madrinha. Realiza-se a cerimônia diante do otá do orixá protetor. O ogã do terreiro canta os pontos para a entrada na camarinha.

No primeiro, dia, faz-se a obrigação da lavagem, da cabeça, com o amaci e o reconhecimento do padrinho e da madrinha. Na camarinha, só podem entrar, com as vestes ritualísticas o padrinho, a madrinha e as cabeças

maiores, os quais, antes disso já prepararam o corpo com defumador.

No segundo dia, salva-se o anjo da guarda, com os atabaques, às 6, 12, 18 e 24 horas. A meia-noite, efetua-se o cruzamento do sangue, com a abertura de coroa na cabeça do noviço.

No terceiro dia, dá-se **obi** e **orobô** ao noviço, com o ritual apropriado, participando todos os presentes da comida.

Nos dias seguintes, às mesmas horas, repetem-se as mesmas saudações. No dia da saída, realiza-se uma festa de comida a todos os orixás. Após a saída, o noviço evita apanhar sol durante 16 dias.

Antigamente, quando as crianças nasciam, os pais providenciavam a cerimônia do cruzamento, com o fim de fechar a morada aos **kiumbas** (espíritos maus, sofrendores, dos desencarnados), até que a idade permitisse a iniciação completa e definitiva.

\* \* \*

Todo ser humano tem uma determinada missão a cumprir na terra. Enquanto não encontrar o caminho necessário, o homem está sujeito a sofrimentos e transe-díficeis. Depois que conhece a sua verdadeira missão, o homem vê a vida evoluir ritmadamente, atingindo a felicidade.

É um erro supor alguém que “já nasce feito”. Se, por exemplo, todo médium procurasse desenvolver o seu grau de mediunidade, haveria um grande benefício para o gênero humano e estariam resolvidos numerosos problemas de psicologia social.

Nos terreiros de Umbanda, antes da iniciação, procura-se determinar o grau de mediunidade e a linha a que pertence o neófito. Cumpridas as obrigações, o noviço passa a ser “filho de santo”, ou “filho da fé”. Ao

ser feito o amaci (lavagem da cabeça), o noviço presta um juramento dentro do ritual.

O babalaô é responsável pela vida espiritual do iniciado, como se fosse um pai. Os filhos do mesmo "pai de santo" não podem casar entre si, sendo, pois, proibido o casamento entre irmãos de obrigação.

Tal é a força moral e a conduta imaculada do babalaô perante os filhos e as filhas de santo do seu terreiro. Não pode haver comércio sexual entre o babalaô e as filhas de santo, do mesmo terreiro, sob pena dos mais severos castigos, até com perigo de vida.

As datas das obrigações dos iniciados são marcadas de acordo com as fases da Lua, assim como a saída da obrigação depende da posição aparente do Sol.

Os antigos babalaôs conheciam muito bem Astrologia prática e as relações entre os astros e as atividades humanas (Astrologia) (1).

---

(1) A Astrologia procura estabelecer as circunstâncias favoráveis e desfavoráveis para a vida de cada um, pelo estudo dos astros, particularmente do Sol, da Lua e dos planetas.

Foi instituído recentemente na Universidade da Califórnia — Estados Unidos — um Curso de Astrologia, exigido para quem adotar a profissão de astrólogo, isto é, quem levantar e interpretar mapas astrológicos, que possibilitem o estabelecimento de horóscopos.

Ligado ao estudo da Astrologia, está o da Numerologia. O grande iniciado Pitágoras, da Grécia, ensinava que a ciência dos números era a chave do universo. Cada número é uma entidade que tem caráter próprio e virtude intrínseca. "O sistema de vibrações numéricas, ensinado por Pitágoras — diz Rosabis Camaysar se estendia a dezenas e centenas, mas sua base fundamental era a série dos números de 1 a 9, de modo que, com esta série apenas, podemos formar uma interpretação do caráter e das condições do indivíduo." É que... "o homem é o mais poderoso centro de manifestações de energia que se encontra no meio terrestre, tendo reunido em si todas as lições e experiências vibratórias dos diversos reinos da natureza, partindo do átomo até as mais altas classes de seres animais".

Quando cumpre a obrigação do ritual, o neófito muda de nome, ou suna.

Nos terreiros da Guiné e Luanda, o candidato à iniciação se apresenta nas vésperas do dia marcado ao corpo das autoridades do culto; depois de declarar se está em condições, faz-se o jogo dos búzios (ou dos dentes); obtida resposta favorável, reúnem-se o **mestre de preceito** (ou babalaô, chefe do terreiro), e **mestre de cerimônia** (correspondente, em angola, ao ogã colofé) e a **iakêkêrê** (mãe pequena); chamam o feitor (cori-ogã), ao qual é entregue o candidato, sendo o feitor auxiliado por um ajudante. Dá-se ao feitor, para compra, a lista dos aviamentos do preceito, que compreende: obi e orobô, acassá, pimenta da Costa, sabão da Costa, pom-bos, galarotes e galinha de Guiné, alguidares, fitas, perfumes, macaia (ervas) etc.

O noviço recebe o bastão de Guiné, denominado **manguara guialê**. Esse bastão constitui um patuá ou talismã para os casos de doença grave, dificuldades, viagens perigosas, guerras; representa as forças de Guiné, mas não serve de arma de ataque (2). As vestes do ritual da iniciação ficam em casa do mestre de preceito, só podendo sair para a companhia do iniciado mediante licença do mestre e se o iniciado residir em casa própria onde haja um lugar adequado, ou peji. O transporte é realizado com festejos típicos.

---

(2) É universal o simbolismo do bastão. Assim, Moisés, com o seu cajado fez brotar água da rocha. As lendas das feiticeiras falam da varinha de condão. Atribuem ao bastão ou varinha virtudes mágicas.



Adobá da filha-de-santo à chefe de terreiro

Todavia, antes da manifestação, ou prova de mediunidade do candidato, não se faz preceito algum. Pode acontecer, durante qualquer festa, que algum visitante, surpreendido pela emoção ou comoção ou pelo entusiasmo, caia em transe. Nesse caso, fica aos cuidados do mestre de preceito, sendo essa manifestação inesperada recebida como um presente divino.

O aspirante à iniciação é levado ao mar, em dia prefixado, para agradecer à natureza a graça concedida. Igual cerimônia se cumpre na cachoeira. De volta, acende-se uma grande fogueira, em torno da qual dançam e jogam bilhetes contendo pedidos, agradecimentos, etc., para o orixá do fogo destruir os males. No dia seguinte, as cinzas da fogueira são lançadas na água corrente, com pão e carne fresca, para que o vento não contamine aquelas cinzas sagradas.

Todos os membros do terreiro são obrigados a uma vez por ano visitarem o mar e a cachoeira, terminando a execução com a dança da fogueira, em homenagem a Exu. Assim, os crentes ganharão força e descarregarão os malefícios. Essa obrigação é geral para todos, sejam simples adepto ou iniciado.

Quanto aos que devem fazer obrigação de cabeça (iniciados) passam 24 horas isolados na camarinha, para fazerem a volta do dia com a noite. Em seguida, o noviço é coroado e recebe o bastão de Guiné, completando-se, assim, a iniciação.

Mais tarde, o iniciado, se reside em casa de sua propriedade, pode solicitar ao mestre de preceito o assentamento do orixá em pedra, cerâmica ou minério em sua casa.

\* \* \*

Achamos oportuno, aqui, fazer referência aos antigos mestres de Umbanda nas nações de Guiné e Luan-

da enraizados no Brasil. Os terreiros de Guiné só trabalham com Exus, caboclos e **tata massambis** (velhos Minas), antigos mestres de preceito. Entrevistamos, a respeito, o mestre de preceito Fabico Durumilá (Flávio Costa, na vida civil). Em 1916, já adepto, Fabico Durumilá foi manifestado em praça de guerra e, em 1918, fez curas de gripe espanhola no Corpo de Bombeiros, auxiliado pelo orixá Oxossi e por Exu Bara. Sete anos depois, recebeu ordem do orixá para assumir o grau de mestre de preceito, no Rio e em Minas Gerais.

Durumilá forneceu a seguinte relação de antigos mestres, desde 1700: — Tio Batumdê, Tio Erêpê, Tio Bomgochê, Tio Bacayodê, Tio Obitayó, Tio Lori, Tio Alabá, Tio Vavá, Tio Hilário e Tio Bernardino, Tio Nani e Tio Obinanã, Tio Fabi, Tio Obitayolabi, e Vicente Bangolê (este último, um nagô vivo).

## *Iniciação no Candomblé*

Quando, no candomblé de nagô, a pessoa “cai no santo”, o babalorixá atravessa o corpo do médium deitado no solo. É o ato simbólico, segundo o qual aquela pessoa passa a ser seu filho ou filha de santo.

Daí por diante, passamos a palavra a um pesquisador dos cultos afro-brasileiros, o sociólogo Donald Pierson:

“Depois da primeira “visitação” de um orixá no corpo de uma pessoa, é preciso que ela se submeta a um dos dois rituais da iniciação. Pode escolher a iniciação completa para “fazer santo”, ou a iniciação parcial de “dar comida à cabeça”. Se, como a maior parte, ela escolher o primeiro, é preciso que faça a oferta inicial de alimento a Exu, depois do que obtém-se um fetiche, preparado pelo *pai-de-santo* que o leva e imerge no *azeite de dendê*, *mel* ou *acaçá*, conforme o orixá, sendo todo o ritual acompanhado de invocações especiais. A iniciada ou *yauô*, como agora é chamada, entrega todas suas vestes que nunca mais serão usadas, como símbolo da nova vida que ela vai adotar e submeter-se a um banho ritual; ao anoitecer, com água perfumada pelas ervas sagradas de aroma penetrante. A *yauô* é então recebida no *peji* pelos dignitários do culto, e sentada em uma cadeira ainda não usada, enquanto que os orixás “tomam parte em um sacrifício especial que lhes é oferecido. Seu cabelo é então cortado e sua cabeça rapada.



Centro Espírita São Sebastião, Av. do Contorno, 1360 (B.H. Minas Gerais), Ialorixá Zuima Braga Leonardo em seu roncô

Pontos e círculos brancos são pintados no crânio, na testa e nas faces. A iniciada toma então um obi em sua mão, os atabaques começam a soar uma invocação até que o orixá “chega à sua cabeça” e ela experimenta uma vez mais o estado de santo. A yauô é então escoltada do peji para a camarinha onde permanece durante dezesseis dias antes de participar em sua primeira cerimônia pública, depois da qual ela volta a camarinha por um período que vai de seis meses a um ano, a fim de aprender os vários rituais do culto, os cantos e algumas coisas pelo menos, de uma língua africana. Entrementes, é submetida a uma alimentação determinada e sofre a restrição de outros tabus.”

## ***Confirmação dos Graus***

O babalaô (\*) prepara qualquer um que deseje seguir a carreira. Alguns só querem ter segurança, defesa contra o mal visível e o invisível; outros porém, têm missão a cumprir dentro da seita.

O primeiro grau de iniciação do filho de santo é o de **cambono** (homem) e **samba** (mulher). Iniciam-se nos mistérios da Lei religiosa. São auxiliares dos sacerdotes, competindo-lhes enxugar o rosto dos médiuns, evitar que se machuquem, socorrê-los quando em transe. Os cambonos prestam assistência aos homens as sambas às mulheres.

Depois, treinam para **cambono colofé**, ou filho da fé, para o desempenho de tarefas de responsabilidade. O **cambono colofé do terreiro** é o ajudante de ogã de terreiro.

Aprendem a cantar para todos os orixás, a abrir o terreiro, a receber qualquer babalaô, e cantar para as grandes cerimônias. Depois, quando estão preparados para serem confirmados como **ogã de terreiro**, o babalaô convida 7 ogãs de outros terreiros, dos mais conceituados, para darem a confirmação.

---

(\*) Entenda-se nesta obra, que há poucos babalaôs no Brasil, nos cultos iorubanos; o sacerdote-chefe é o **babalorixá**. Nos angolenses e derivados, é o **tata**.

O cambono colofé de terreiro submete-se a uma espécie de exame pelos ogãs convidados, que o mandam executar diversas cerimônias do rito, próprias do ogã de terreiro. O babalaô preside ao exame, mas ficando neutro, sem intervir. Se o candidato se sair bem da prova os ogãs examinadores consideram-no aprovado, cumprimentam-no como seu igual e um deles lhe oferece as guias de ogã do terreiro. Na mesma noite, realiza-se uma grande comida para Exu, Pomba-Gira e o orixá protetor do terreiro. Está, assim, confirmado o novo ogã de terreiro.

O ogã de terreiro é o que recebe e executa as ordens do estado ou gongá, por intermédio do ogã-colofé para cantar qualquer ponto.

Após a confirmação, o candidato aprende a tocar no tambor em todos os ritos (nagô, gêge, cabinda etc.) e recebe a confirmação de ogã de atabaque.

Em seguida, o ogã de terreiro treina para ogã colofé. Conhece as ervas do amaci, sabe tratar dos otás, conhece os pontos riscados e seus efeitos, conhece as comidas de santo, aprende a usar a faca para sacrificar animais. O ogã colofé é o único, depois do tata, que pode sacrificar animais.

Depois de convenientemente preparado, passa pelas provas necessárias, como foi acima descrito, e recebe a confirmação de ogã colofé. Nessa noite, há uma festa de comida a Ogum, Xangô, a seu anjo da guarda etc. Recebe, então, a faca e as guias do grau.

A última etapa da iniciação é a de babalaô (tata, ganga, etc., conforme a nação). O babalaô deve saber tudo, todos os mistérios e segredos da seita, a doutrina e o ritual. O ogã colofé candidato a babalaô deve passar pelas provas e ser confirmado pelos babalaôs de outros terreiros. Confirmado nesse grau superior, recebe todos

os apetrechos da seita e pode então abrir outro terreiro. Se, entretanto, preferir continuar no mesmo terreiro, ficará subordinado ao antigo babalaô.

O melhor atitude será abrir outro terreiro, a fim de beneficiar os outros com as luzes que recebeu.

\* \* \*

Num terreiro, pode haver 1.º, 2.º, 3.º, etc. ogãs de terreiro, se assim for conveniente.

A autoridade moral do babalaô é imensa. Assim, antigamente, às primeiras manifestações do orixá, costumavam-se tirar a prova do médium e da força do orixá, na presença de todos, fazendo-se o médium dançar sobre vidros, sobre fogueira de brasas (aguerê); ou então botava-se brasa na bôca do médium, mandava-se que ele buscasse uma cobra no mato e dançasse com o perigoso ofídio, e bebesse azeite fervendo.

Hoje, esse costume está fora de uso, exceto se houver alguém que duvide ou ridicularize o orixá. A maioria, entretanto, condena tais práticas, bastando que o babalaô assegure ser leal a manifestação.

\* \* \*

Muitos babalorixás costumam adotar o nome (suna) do seu orixá. Houve um grande babalaô, chamado Sebastião. Como o seu orixá era Oxossi Obicaia, o babalaô passou a ser conhecido com a suna de Sebastião Obicaia.

Aliás, no catolicismo, os frades de algumas ordens religiosas adotam como prenome o da cidade onde nasceram. Assim, Frei Henrique de Coimbra, Frei Antônio de Grajaú, Frei Boaventura de Kloppenburg e outros.

Os orixás descem aos terreiros e se manifestam aos crentes através de “médiuns” ou “cavalos”. Os orixás possuem bastante poder espiritual, mas necessitam de um instrumento físico.

Notam-se os primeiros sinais da manifestação quando o médium fica de olhos fechados e não fala. Então, o babalaô trata de lhe devolver a fala e lhe abrir os olhos.

Se o fluido pega o “cavalo” em cheio joga-o no chão, às vezes com brutalidade. O babalaô deve corrigir esses defeitos do médium. É necessário que a manifestação do orixá não seja perturbada pelo pensamento do “cavalo”, não devendo haver colaboração alguma das idéias do médium.

No gongá, fica sempre um copo liso branco, de cristal (ou uma tigela branca ou um espelho), pelo qual o babalaô controla o movimento dos seres espirituais e também dos visíveis (encarnados).

O espírito dá o sinal de sua chegada da seguinte forma; — primeiro no copo onde o babalaô vê tudo, forma-se uma camada gaseificada, de várias cores, conforme o orixá. Quando é kiumba (espírito mau) no copo aparece uma côr arroxeadada ou mesmo escura.



**Zé Pelintra, manifestado no babalorixá José Ribeiro, de  
Jacarepaguá**

## ***Trajes do Ritual***

**Mulheres** — As mulheres usam roupas baianas brancas, ou de acordo com o terreiro. O seu traje ritual é o seguinte: — pano (tosso) na cabeça, onde está feito o orixá; **nanga** (blusa); **axóte** (saia); **pano da Costa**, que estendem no chão para receber e salvar o orixá.

**Homens** — Roupas brancas; camisa de punho, aberta, no lado esquerdo, colarinho alto. Gorro branco, bordado com os pontos do orixá protetor do terreiro. Toalha branca (aia) no pescoço, usada para bater com a cabeça no chão. Essa toalha é também bordada com os pontos do orixá protetor do terreiro. O tata usa o gorro bordado com os pontos de Oxalá Alufan.

Os cabeças maiores do terreiro, masculinos e femininos, usam vestes um pouco diferente dos demais membros da seita.

## ***Comidas de Santo***

As comidas de santo são sempre preparadas pela **iabá**, cozinheira especializada, que conhece as comidas do rito africano e sabe o seu significado preciso.

Nem as mulheres menstruadas nem as que tiveram relações sexuais com os homens podem tocar nesses alimentos. As comidas são oferecidas a todos os orixás, conforme o preceito de cada um. Assim, dá-se **munguzá** a Oxalá; **amalá** a Xangô e Ogum; **amolocô** a Oxum; **acarajé** a Iansã; **pipoca** a Omulu etc.

Essas comidas, depois de preparadas pela iabá, são servidas da seguinte maneira: — arma-se o **alá**, com os pontos riscados do orixá reverenciado; forra-se o chão com um lençol ou esteira (debaixo do alá). Bota-se um copo d'água no centro do lençol ou esteira, e aos lados os copos das bebidas do orixá a que vai ser oferecida a comida. São acessas as velas.

Depois, vem uma “samba” da iabá colocando os pratos brancos em volta do lençol ou esteira, com as comidas.

Durante toda a cerimônia, ouvem-se os toques dos atabaques (tambores). As pessoas que vão **corear**, (comer) ficam em frente do prato que lhes é destinado. Se por exemplo, a comida for oferecida a Xangô, a mãe pequena (ou jабonam) manda bater no atabaque um alojá dividido em três partes.

Em seguida, o ogã de terreiro manda **jocô** (sentar) e dá ordem para iniciar-se a comedoria. Come-se sem falar e sem rir. Se houver carne de animal, come-se sem morder os ossos. As comidas são apimentadas, levando **lilicum**, **bejiricum** e pimenta do reino. Conforme vão acabando de comer, dão **adobá**, saudação de agradecimento. Se a comida for oferecida a Oxalá, diz-se: “**eh, bá, bá, bá**”; a Ogum: “**Ogum, nhê**”; a Xangô: “**caô, ca-becilhe**”; a Oxossi: “**okê bambe ô cline**”; a Nanã: “**saluba**”; a Iansã: “**parrei**”; a Iemanjá: “**ô dô feiabá**” a Oxum; “**ai-ie-ie ô-mihon**”; a Ibeiji: “**ô-ni-beijada**”.

Para as crianças, as comidas são diferentes: doce de côco com abóbora, clara de ovo etc., com os pontos correspondentes ao Ibeiji (1).

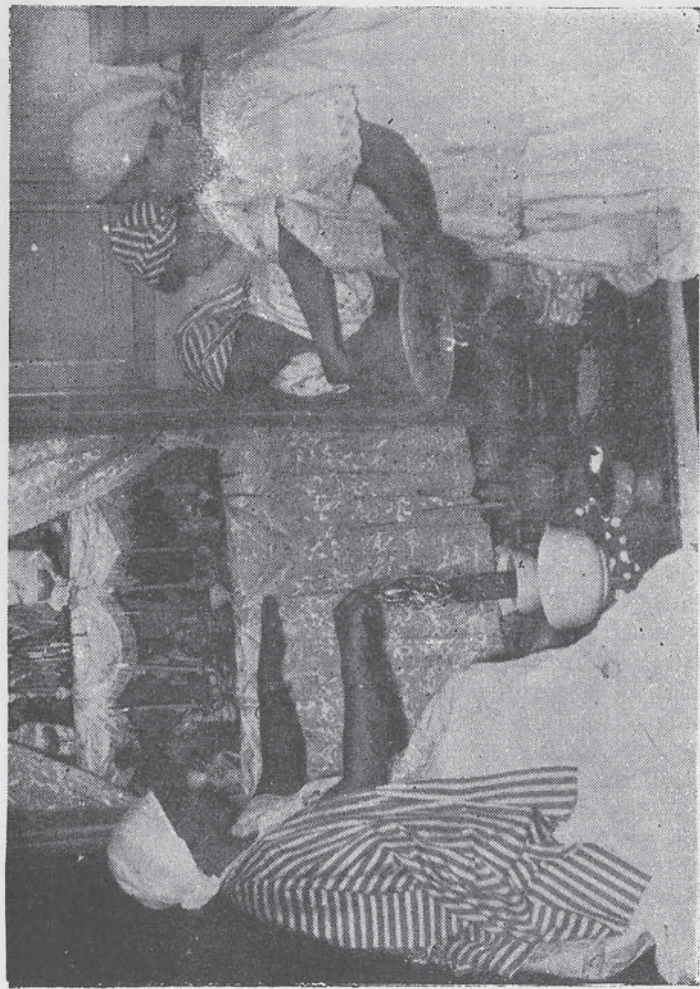
Terminada a comida, a mãe pequena diz: **adidé** (levantar). Os ossos são arrecadados pela mesma samba e levados para o lugar conveniente.

Quem começa a **corear** são os cabeças maiores do terreiro, ficando à cabeceira o babalaô e aos lados os seus principais auxiliares. Cada parte do animal é destinada a determinada pessoa, segundo seu grau na seita. Respeita-se também a **quizilia** de cada um (2).

---

(1) Lembramos que as festas de Ibeiji correspondem às de São Cosme e São Damião, santos das crianças.

(2) **Quizilia** é a proibição de comer ou beber determinada coisa, por motivo ritual ou fisiológico. Equivale ao que, nos meios profanos, se denomina **alergia**.

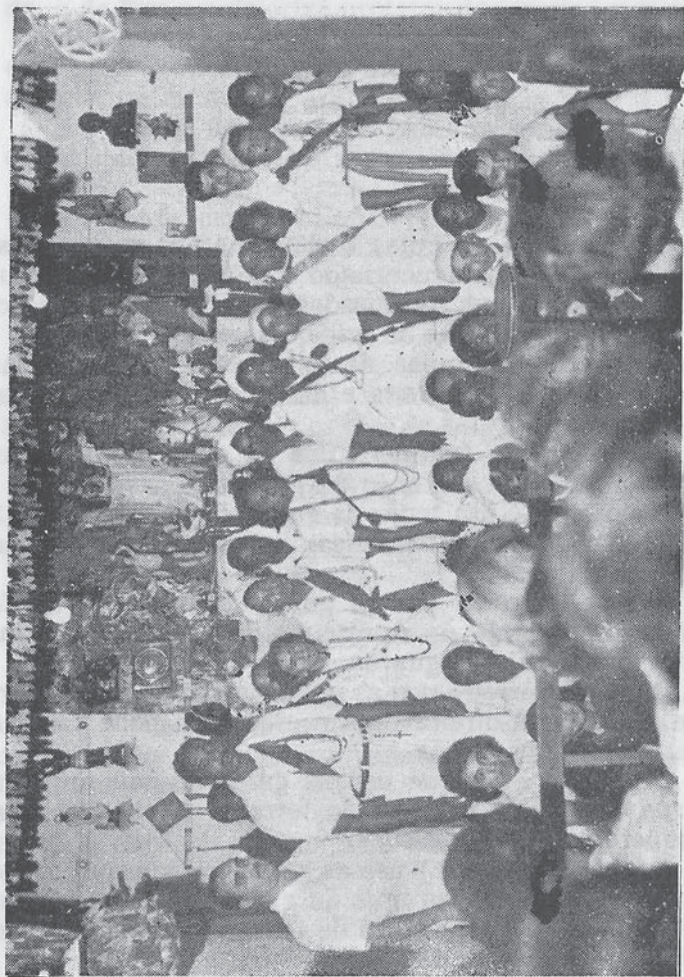


Comidas do santo, no ritual do Omolocô

## ***Preceitos do Gêge-Nagô***

Em “O Candomblé da Bahia”, da Editora Guaíra, 1942, o Prof. Donald Pierson, escreve sobre um terreiro gêge nagô:

— “Numa seita de origem **gêge-nagô**, cujo **pai-de-santo** é dedicado a **Ogum**, a época das cerimônias especiais começa na segunda semana de setembro e encerra-se na primeira semana de dezembro. Durante esse período são celebradas cerimônias todos os domingos, dedicadas cada uma a um ou mais orixás. Assim, a primeira cerimônia é em honra de **Oxalá** (o velho), a segunda em honra de **Oxaguiam** (Oxalá, o moço) e as três seguintes em honra de **Ogum**. Os domingos seguintes são dedicados respectivamente a **Xangô**, **Oxum**, **Oxossi**, **Iemanjá** e **Iansã**. No décimo primeiro domingo e na segunda-feira seguinte, honras especiais são oferecidas a **Omulu** e no domingo e na segunda-feira seguintes a todas as **mães d'água**. No domingo final é oferecida uma feijoada a **Ogum** com um complicado ritual. Fora desta época regular, cerimônias especiais são celebradas de tempo em tempo durante o ano, com exceção do período da Quaresma, durante o qual estão suspensas todas as atividades do **candomblé**.”



Terreiro umbandista em São Paulo

## ***Guias***

Antigamente, as guias (colares) eram de vegetais, como olho de pombo encarnado e preto, caroços de fruta etc. Depois é que foram adotadas as guias de vidro, por serem parecidas às de origem vegetal.

O tata usa as guias de todos os orixás, cruzadas da esquerda para a direita e da direita para esquerda, no peito e nas costas.

A sacerdotisa (mulher) usa as guias no pescoço, correspondente ao seu anjo da guarda.

O ogã colofé usa todas as guias, menos a de Oxalá Guian e Oxalá Alufan, cruzadas a tiracolo, da esquerda para a direita .

A mãe pequena usa as guias como o ogã colofé porém ao comprido; usa pulseiras de prata, correspondente ao seu anjo de guarda.

O ogã de terreiro usa as guias do seu anjo da guarda e de Exu, da direita para a esquerda; pode usar as guias dos outros orixás.

O ogã de atabaque usa as guias do seu anjo da guarda e do orixá protetor do terreiro, da direita para a esquerda.

A iabá (cozinheira) usa as guias de todos os orixás, menos de Oxalá, de seu anjo da guarda, e as de Pomba Gira; num só colar as côres de todos os orixás, ficando ao todo 3 colares.

O **cambono colofé** usa as guias de seu anjo da guarda, a de **Exu** e a do orixá protetor do terreiro, a tiracolo.

O **cambono de ebó** usa as guias do anjo da guarda, de Pomba-Gira e de **Exu**. Uma preta, outra encarnada e preta, outra do seu anjo da guarda.

O **filho de santo** usa as guias do seu anjo da guarda, simples, que recebeu ao fazer a sua iniciação.

Todas essas guias têm na ponta um **patuá** ou **benguê** (breve), onde carregam seu **echés** (ou **ichés**). As baianas balangandãs, com seu **achés**.

### AS ERVAS (MACAIA)

Cada orixá tem sua erva. Cada defumador tem seu orixá. As ervas (macaia) estão divididas em 4 grupos horários, conforme as posições da Lua, do seguinte modo:

- Das 6 às 12 horas — para Oxalá Alufan, Nanã etc.
- Das 12 às 18 horas — para Ogum Megê, Xangô Aganjú. Oxum e Iansã.
- Das 18 às 24 horas — para **Exu**, Pomba-Gira, Omulu etc.
- Das 24 às 6 horas — para Oxossi, Ossãe, Irocô etc.

Cada falange tem seu defumador próprio, feito das ervas que lhes são consagradas. Também as ervas para o banho são destinadas a cada espécie de obrigação.

As ervas têm seu poder terapêutico, conhecido dos curandeiros. No ato de serem colhidas, faz-se uma oferenda a Ossãe, a fim de atrair a sua proteção.

## ***O Decá***

Certa vez fomos convidados a assistir a uma cerimônia de entrega do decá.

Conhecíamos o filho de santo que ia receber o decá. Fôra ele iniciado, “feito” há quatro anos, por um pai de santo do candomblé, babalorixá muito competente, aliás.

Comparecemos ao terreiro onde se celebraria a cerimônia. Disseram-nos, então, que o sacerdote que ia proceder à entrega era um famoso tata, isto é, pertencente ao culto de Angola.

Perguntamos ao tata se ele, de fato, é que oficiaria a cerimônia. O velho sacerdote negou enêrgicamente, mas, daí a meia hora, começava o ritual sob a sua chefia. Veio a bandeja com o material necessário. Como sempre, as monas cercaram a bandeja, pensando naturalmente que estavam ajudando a resguardar o segredo.

Ora, muito bem. Em matéria de decá, já vimos até ser entregue um pedaço de cartolina escrito, à moda de diploma. É que o suposto pai de santo ouvira falar, uma vez, que o decá era um diploma... Confundiu alhos com bugalhos.

Pelo que nos ensina a tradição do “santo” africano, o decá é entregue pelo babalorixá ao filho de santo no sétimo aniversário da iniciação ou “feitura” de cabeça deste. A bandeja do ritual contém os apetrechos que

simbolizam o grau sacerdotal africano. Esses apetrechos recebem, em conjunto, o nome de **decá**.

Na cerimônia da entrega a que nos referimos acima, houve os seguintes erros: 1.<sup>o</sup> — o **decá** não pode ser entregue antes de sete anos da iniciação; 2.<sup>o</sup> — a cerimônia deve ser efetuada no ritual da nação em que foi “feito” o filho de santo; 3.<sup>o</sup> — o oficiante da cerimônia é o **babalorixá** que fez a “cabeça” do novo sacerdote.

Estando vivo o pai-de-santo do neófito, nenhum outro sacerdote podia lhe entregar o **decá**. Somente em caso de morte, tirada a mão de **vumbi**, é que outro sacerdote podia pôr a mão em sua cabeça e assumir as funções de seu pai, inclusive a de entregar o **decá**.

Na África, o filho ou filha-de-santo usa, no ato, uma espécie de capacete de búzios e pérolas, de pontas laterais muito compridas. É o **filá**. Pelo preço atual de um búzio, aqui no Rio, fica muito caro um desses capacetes, custando mesmo alguns milhares de cruzeiros, o que aconselha uma simplificação do **filá**.

Compreendemos muito bem não ser possível, em todos os casos, seguir-se à risca todos os preceitos antigos. Na própria cerimônia da iniciação, hoje em dia, especialmente aqui no sul do país, os prazos são diminuídos, abreviados em consequência das novas condições de vida criadas pela evolução dos costumes. Surgiram novas profissões, novas fontes de emprego, e a população cresceu. Desenvolveu-se o trabalho feminino. Poucas pessoas, relativamente, podem assumir, agora, os absorventes encargos de zelador do **inkice**, ou zelador do santo.

O resultado dessas mudanças sociais é que, nos terreiros, ficou encurtado o prazo de estada na **camarinha** ou **aliaché**, sem contudo, alterar-se o conjunto das cerimônias prescritas no ritual de cada nação ou tribo.

Como uma pessoa empregada, dependendo do salário, pode passar muito tempo em uma camarinha?

O imperativo das circunstâncias obriga, pois, a acelerar-se o encurtamento do prazo da iniciação.

Há, porém, prescrições do ritual que nem podem ser discutidas, tais os seus fundamentos. Uma dessas prescrições é o período de sete anos. E tocamos, neste ponto, em uma das mirongas (segredos) da Religião e da própria Natureza. Os antigos, em sua sabedoria profunda, nascida da experiência e da observação, respeitavam o período setenário — sete dias, sete semanas, sete meses, sete anos. Sete é o número mágico, o número do mistério.

Suponhamos que um adepto do culto afro-brasileiro saía hoje da camarinha. Daqui há sete anos, receberá o seu decá. Daqui há quatorze anos, confirmará o seu grau sacerdotal. Daqui há vinte e um anos, completará o seu longo período de iniciação total. Só então, poderá ter a certeza de que conhece o culto religioso de que é legítimo e verdadeiro sacerdote. Conhecerá não somente as vinte e uma palavras sagradas mágicas, mas ainda o manejo das forças ocultas da Natureza, os segredos da terra, o que há nas nuvens e nas florestas, nos rios e nos mares, nas montanhas e nos lagos e nas cacimbas. Aprenderá, sobretudo, quais as relações entre Deus, os orixás, bacuros ou voduns, e os homens.

Vinte e um anos é um período que está na tradição de muitas religiões. Assim, a iniciação dos hierofantes egípcios (sacerdotes de Isis) durava mais ou menos esse período, conforme a vocação e a força espiritual de cada um.

Para que estabeleçamos o prestígio de nossa religião, devemos, em primeiro lugar, conhecê-la e conhe-

cê-la profundamente. Os cultos afro-brasileiros existem há milênios e dispensam improvisadores...

A necessidade de dar instrução a numerosos chefes de terreiro, de várias nações, que solicitam esclarecimentos aos maiores dos cultos afro-brasileiros, obrigou-os a tomar posição diante de problemas que surgiam a todo o momento.

O caso do **decá** é sintomático. Proveniente dos cultos sudaneses, pouco a pouco foi sendo incorporado aos bantus-angolenses, omolocô, lunda-quioco e outros.

O **decá** significa a transmissão da hierarquia sacerdotal juntamente com as ferramentas e pertences do culto, mediante confirmação dos grandes da seita.

Como há poucos adeptos que tenham recebido o **decá**, e como a Umbanda, sendo de origem africana, tornou-se a religião mais popular no Brasil, alguns líderes religiosos acharam que, compondo-se a mesma Umbanda de vários cultos, havia necessidade de uniformizar a instituição do **decá**.

Estabeleceram que, em princípio, cada nação devia resguardar e observar as cores das guias e colares característicos do seu ritual, porém adotando o **decá** como símbolo de confirmação sacerdotal.

Ficou por eles resolvido que, em sua confecção, serão usados os seguintes paramentos: **palha da Costa**, que representa a origem africana; 16 búzios que representam os deloguns; 12 contas vermelhas, que representam os ministros de Xangô; miçangas em 7 cores, cujas combinações representam luzes e cores dos orixás; **pompons**, em número de 1 a 7, cada qual representando os cargos por que já passou o filho de santo.

Esses paramentos provam sua iniciação no culto afro-brasileiro a que pertence. Tais paramentos são usados em torno do pescoço, cruzados ou ao comprido. É conveniente notar que esse tipo de colar de decá somente pode ser usado por autorização das Congregações Umbandistas ou das Federações Estaduais filiadas que o desejarem.

Além desse colar do decá, privativo como dissemos, o filho de santo que vai receber o decá usará o filá, que é um capacete de búzios e pérolas.

É conveniente notar que a União Nacional dos Cultos Afro-Brasileiros nada tem com esse colar de decá.



No modelo registrado pela antiga Confederação Espírita Umbandista, é a seguinte a composição de cores do colar do decá.

Do lado direito do colar, no 1.º pompom n.º 4, branco e roxo na cabeceira; entre o 4.º e o 3.º, roxo no cor-dei; no pompom n.º 3, rosa na cabeceira; entre o 3.º e

o 2.º, azul; no pompom n.º 2, amarelo na cabeceira; entre o 2.º e o 1.º, preto e branco; no n.º 1, que é o centro do colar, pingo d'água na cabeceira do lado direito e branco no lado esquerdo.

Lado esquerdo: — entre o 1.º e o 2.º, pingo d'água no cordel; no pompom n.º 2, vermelho no lado direito e verde no lado esquerdo; entre o 2.º e o 3.º, vermelho no cordel; no pompom n.º 3, amarelo na cabeceira; entre o 3.º e o 4.º, amarelo no cordel; no n.º 4 verde na cabeceira. Essas cores são representadas por miçangas.

\* \* \*

O sacerdote, ao receber o seu certificado e o decá deverá prestar um juramento, na língua de sua nação, prometendo zelar pelos cultos afro-brasileiros, manter a sua tradição, acatar as ordens das autoridades, respeitar os preceitos de seu culto e dos demais; não discutir sobre religião; prestar assistência espiritual a qualquer hora, sem distinção racial ou religiosa; respeitar a liturgia do seu culto e a dos demais; manter bom procedimento moral em respeito ao cargo que ocupa; ser contrário a todo movimento subversivo contra o regime democrático do País.

Esse compromisso deverá ser lavrado e assinado em livro próprio, na solenidade da entrega do certificado.

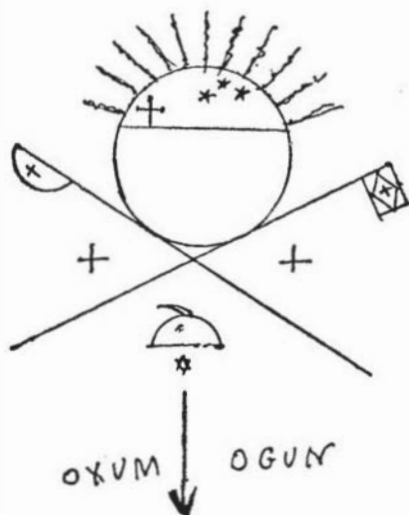
Resumindo, como dissemos, o decá é, materialmente, um conjunto dividido em três partes: Primeira: o **filá**, na cabeça; Segunda: o **colar** simbólico, no pescoço; Terceira: **bandeja**, com o material necessário.

Na parte espiritual, é a transmissão dos poderes sacerdotais, o que representa **mironga**, realizada em quatro partes.

\* \* \*

O colar do decá privativo da ex-Confederação Espírita Umbandista foi, em projeto, encaminhado, para registro, ao Departamento Nacional da Propriedade Industrial, e protocolado sob n.º 578.077.

MALEMBÁ - TIVÁ - ELEDIA



**PONTO RISCADO OXUM-OGUM (OMOLOCÔ)**

## ***Preceitos do Nascimento***

No lento evoluir da humanidade, é interessante observar-se como certos usos e costumes vão sendo substituídos ou abandonados. Essa mudança não se opera, todavia, ao mesmo tempo em todos os lugares. Sempre há sobrevivências que permitem a pesquisa minuciosa dos fatos.

Antigamente, por exemplo, quando nascia um menino, a mulher observava um resguardamento de 40 dias prazo que era diminuído para 30 dias se se tratava de menina.

Os pais convidavam seus amigos e parentes para beber o “mijo” do recém-nascido, isto é, um vinho apropriado. Esse costume não se verifica mais no Rio, porém está em vigor no norte do país e no interior dos Estados.

A criança, ao nascer, era defumada com alfazema, mirra, benjoim, e incenso. Esse costume é de fundo religioso. O próprio Jesus Cristo, que, para os umbandistas, é Oxalá Guiã, recebeu presentes de defumador dos 3 Reis Magos. Destinava-se o defumador a livrar do mal aquele que nascia neste planeta carregado.

Ao completar um mês de idade a criança era apresentada à Lua Cheia. Havia, também, a observância do “ciclo setenário”. Aos 7 dias (crise do umbigo), aos 7

meses, e aos 7 anos, tinha-se com a criança cuidados especiais.

Aliás, entre os hindus, a idade de 7 anos é de um grande significado, pois marca a transição entre a infância e um novo estado psíquico. Até aos 7 anos, a criança “vê” coisas que o adulto sem mediunidade não percebe. Diz-se que a criança “mente” quando afirma que viu isto ou aquilo.

Se a criança apresentava fraqueza nas pernas, custava a andar, passavam-lhe baba de boi.

Os homens abandonam usos e costumes que têm fundamento, mas não podem destruir o poder da Natureza. Os ciclos se repetem com a mesma eterna regularidade. Tudo acontece no prazo determinado. Assim, cada espécie animal tem o seu período certo de vida, em termos médios. Contra os ciclos naturais, a ciência nada pode.

Durante a geração, a criança está sob a influência de um espírito da Natureza. Quando nasce, e recebe o sopro vital, é entregue a um espírito evolutivo. O cerimonial do defumador e do vinho é exatamente para saudar o espírito que chegou, para cumprir a missão que lhe foi reservada.

## O MATRIMÔNIO UMBANDISTA

Vamos descrever a cerimônia completa do casamento umbandista, reservando, apenas, o que constituir mironga.

Em primeiro lugar, é proibida a união carnal de homem e mulher iniciados na seita pelo mesmo ganga, ou chefe de terreiro. Assim, noivo e noiva não podem ser irmãos de terreiro.

Inicialmente, ao ser procurado pelos noivos, o ganga joga os búzios, para verificar se os anjos-de-guarda do noivo e da noiva combinam. O anjo-de-guarda do noivo deve ser orixá masculino e o anjo-de-guarda da noiva orixá feminino, ou vice-versa. Isto, para evitar uma provável incompatibilidade de gênios.

O ganga pergunta aos noivos se confirmam a sua intenção de casamento. Obtida a confirmação, o sacerdote-maior estuda a posição da Lua e marca a data do casamento, no dia mais favorável. Escolhem os padrinhos e as madrinhas e começam os preparativos.

A cerimônia consiste no seguinte ritual: — o noivo e a noiva comparecem vestidos com os trajes do culto, debaixo do alá, riscado com os pontos dos seus anjos-de-guarda.

O padrinho traz o obi-orobô de 4 quinas, e a madrinha o de 3. O de quatro é entregue ao cambono colofé e o de três à cota.

Os noivos ficam de mãos dadas, enquanto o ganga derrama, o amaci sobre essas mãos entrelaçadas.

Depois, quebra-se o obi-orobô, que se fragmenta em sete partes, no chão. O noivo come um pedaço do obi-orobô da noiva, e esta retribui a cortesia. Em seguida, os presentes também comem um pedaço do obi-orobô.

Então, a ganga, falando na linguagem sacerdotal do culto, em africano, declara o casamento celebrado e manda tocar o adejá. Segue-se o regozijo geral e os presentes atiram folhas de cajá ou mangueira sobre os recém-casados, cumprimentando-os na forma dos preceitos.

A cerimônia termina, com o oferecimento, aos presentes, das comidas e das bebidas dos santos.

Foram, pois, tomadas todas as precauções para um matrimônio perfeito. Mas como a natureza humana é às vezes contraditória, pode acontecer alguma rusga ou zanga mais grave. Então, o padrinho se encarrega de aconselhar o marido, enquanto a madrinha faz o mesmo com a mulher. Se a zanga continuar, o caso é submetido ao ganga que realizou a cerimônia nupcial. O ganga joga os búzios e verifica quem tem razão. O faltoso é multado ou punido com uma penitência a cumprir.

Pode acontecer, entretanto, que ambos não tenham razão, o resultado é que as queixas são poucas, e tudo se resolve em paz.

Na Umbanda, não há divórcio. Considera-se que o santo não permite a dissolução do casamento. É que primeiro se faz a união espiritual dos anjos-de-guarda, depois a união da matéria.

\* \* \*

Em geral, os umbandistas casavam no civil, depois no católico e por último no terreiro, conforme descrevemos. Nos subúrbios da Leopoldina, havia uma famosa mãe-de-santo, denominada Mãe Branja, muito conhecida das mirongas do casamento umbandista.

Hoje, a invasão da tal “Umbanda Mista” (ou mistificada) vai introduzindo inovações escandalosas, inteiramente diversas das tradições da seita. Assim, certa vez, assistimos em um subúrbio carioca à caricatura de um casamento umbandista. O sujeito que se arvorou em oficiante da cerimônia pegou de um exemplar da Bíblia Sagrada, vestiu uma blusa encarnada, leu uns versículos do grande livro religioso e declarou casadas as duas vítimas de sua intrujice...

É por isso que sempre nos batemos pelo respeito e observância do ritual antigo. A linguagem sacerdotal dos cultos afro-brasileiros é a africana, seja nagô ou angolense. Celebrar as cerimônias umbandistas em língua portuguesa não tem o mesmo valor espiritual. É necessário respeitar-se a tradição de cada cultc. Quem não sabe as línguas africanas, e pretende dirigir um terreiro afro-brasileiro, que procure estudar e conhecer. Pode parecer difícil, mas não é. Depende de um pequeno esforço, apenas.

Bem, continuemos. Os filhos do casal umbandista são cruzados no terreiro, com o que se invoca em seu favor a proteção dos seus orixás. Na idade conveniente, são iniciados na seita e se tornam, por sua vez, filhos de terreiro. Desse modo, de pais a filhos, transmite-se a tradição de nossa seita. O que pode ser revelado, será revelado. E ouvidos estranhos não ouvirão os mistérios que não podem ouvir...

## O SIRRÚN

Após à morte do inesquecível presidente Getúlio Vargas, os terreiros amigos suspenderam seus trabalhos, para a realização da cerimônia do **sirrún**. É que o extinto gozava de grande prestígio entre os umbandistas, pois Sua Excelência soube manter o respeito à liberdade religiosa, cumprindo integralmente a Constituição da República.

Há duas espécies de cerimônia fúnebre: uma, destinada aos iniciados que falecem e outra aos amigos da seita, nas mesmas condições. Quando se trata de algum iniciado que morre, dá-se ao ritual o nome de **tiração da mão de vumbi**. Seja estranho ou filho do terreiro, a cerimônia dura 7 dias.

Para quem não é da seita, efetua-se a encomendação a Zâmbi (Deus), a fim de que o Senhor do Universo o coloque no lugar que merece.

Quando o morto é umbandista iniciado, coloca-se o caixão funerário no centro da sala, celebrando-se uma espécie de missa de corpo presente. Retirado o caixão, os que o conduzem ao cemitério dão 7 passos à sepultura, descem-no e suspendem-no três vezes, até que o depositam no fundo.

Na casa do morto, o ritual continua ainda por sete dias. A cerimônia começa às 6 horas da tarde e se prolonga até meia-noite. Na sala as luzes estão apagadas; só há velas acesas. Ouve-se um canto triste, uma melodia que comove. Considera-se que o espírito do morto está presente, assistindo a tudo, e vûmbi é para retirá-lo da casa.

Após os sete dias, são reunidos os pertences do morto ligados ao culto; jogam os búzios para ver se os pertences ficam com a cabeça-maior (o mais graduado do terreiro) ou se vão despachados para onde devem ir.

Tudo terminado, os filhos de terreiro são obrigados a ir a outro terreiro tirar a mão de vûmbi. É que há um laço muito forte entre o babalaô e os umbandistas que ele iniciou, e esse laço deve ser alterado, com a morte do "pai-de-santo".

No interior do Brasil o ritual africano é combinado com rezas e ladaínhas católicas, de tal modo que o observador não iniciado não percebe o sentido umbandista da cerimônia.

Na Linha das Almas, tudo é "tata", quer dizer "maior". Não se conhece orixá, e sim os "tata", ou espírito de qualquer quimbandeiro ou babalaô pode vir na Linha das Almas, mas cada um representando sua

seita, seu culto. Todos passam a chamar-se “tata”, isto é, maiores no seu assunto.

Hoje, os terreiros da Linha das Almas estão desaparecendo do Rio de Janeiro. O povo prefere os de Angola, onde há mais liberdade do que nos de Nagô.

Antigamente, quando morria um “ganga”, chefe de terreiro na Linha das Almas, faziam oferenda de mingau de fubá de arroz sem sal; comiam um pouco de mingau, sentados em volta, de branco, com velas acesas; depois, despachavam a comida predileta do falecido e a sua roupa em um campo.

Cada um chegava nos cantos da casa e gritava pelo nome do falecido, dizendo que os seus pertences iam para o campo e que ele acompanhasse a comida e o mingau que pertenciam à sua alma. Ao voltarem do campo, cada um bebia um copo d’água e jogava o resto para trás. Serviam uma garrafa de vinho verde (“Sangue de Cristo”) e a comida, predileta do falecido em intenção à salvação de sua alma.

Hoje, esse costume, que veio do Congo, está desaparecendo do Rio de Janeiro.

## *Hierarquia nos Terreiros*

O corpo hierárquico de um terreiro é composto de muitos iniciados, desempenhando cada qual uma missão que vai do maior ao menor, como samba, cambono, cota mucamba, mucambo etc., para formar o conjunto dos cambas da Umbanda.

Hoje essa hierarquia caiu completamente nos terreiros, em consequência do desaparecimento de muitos costumes tradicionais naqueles cultos.

Nas doutrinas da nossa seita existem sacerdotes-chefes para ouvirem a fala dos orixás nos deloguns, a fim de ficarem sabendo quais as causas dos sofrimentos do paciente.

Quando alguém se interessa por uma pessoa que está passando por provação, faz-se um “engambêlo”, e entrega-se este ao eladá do necessitado, pedindo-se assim, um “maleme” ao espírito.

Onã-Ofá ou Bafã-Ofá é o sacerdote que conhece os poderes mágicos, terapêuticos e outras finalidades das ervas e raízes, como é também apanhador destas, em épocas próprias, de acordo com as fases lunares, obedecendo sempre a entrada e saída do sol.

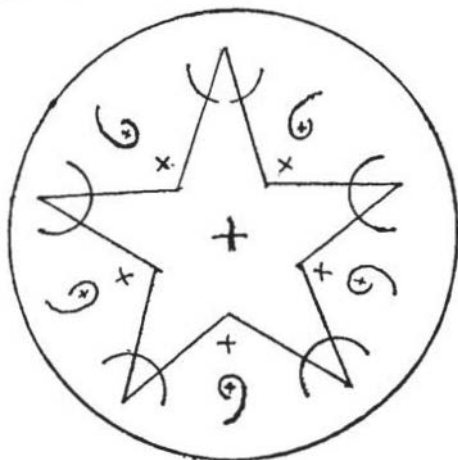
A ciência muito deve a estes apanhadores de ervas pelas informações e indicações por eles obtidas.

A macaia, (erva) nos nossos malungos, serve para vários fins, como para o amaci, “obrigações”, enfim, para socorrer a matéria e afugentar as más influências.

Estes apanhadores, que eram indispensáveis nos terreiros antigos, na ocasião da apanha, davam oferendas ao povo das matas e colhiam ervas e raízes obedecendo aos respectivos preceitos.

A missão desses prestimosos sacerdotes auxiliares era apanhar ervas e raízes para os “filhos” do terreiro, além de prestar socorros aos necessitados, dentro de sua especialidade.

A hierarquia completa de um terreiro, como dissemos, é composta de vários sacerdotes e, os terreiros de hoje, na sua maioria, são casas de caridade espiritual incorporando-se seus médiuns, isto é, entregam sua matéria aos espíritos para que estes façam o que bem entenderem, não sabendo tratar-se de espíritos adiantados ou não, por serem médiuns inconscientes na seara espírita e sem domínio próprio, o que não acontece com o médium iniciado que recebe os devidos conhecimentos quanto à sua missão.



BEIJI

**PONTO RISCADO DE COSME E DAMIÃO**  
(Omolocô-Angola)

## *Funções do Chefe de Terreiro*

Grande responsabilidade cerca a tarefa de um chefe de terreiro. Compete-lhe conservar a tradição religiosa, manter a ordem nos trabalhos, representar o terreiro perante a autoridade pública, resolver os casos que surgirem. As suas principais funções são: “1.º) com indumentária adequada, realizar todas as celebrações do ritual como por exemplo, a da *macumba* ou *curimba* ou *cangira*, durante a qual são atendidos os Filhos ou Filhas-de-Santo, feitos os *embés* (sacrifícios de animais), invocados os Orixás etc. 2.º) identificar o Orixá que se manifesta num médium, e procurar fixá-lo no respectivo fetiche. 3.º) pôr um ponto final nas disputas entre os membros da seita, seja pela persuasão, seja com o auxílio dos fetiches de preferência dos querelantes. 4.º) praticar a adivinhação, por meio dos búzios. 5.º) exercer o ofício de curandeiro, reconhecendo as doenças e aconselhando. 6.º) Obedecer os mandamentos da lei de Umbanda que são:

1.º — Não faças ao próximo o que não queres que te façam. 2.º — Não cobices o alheio. 3.º — Socorre os necessitados, sem perguntas. 4.º — Respeita todas as religiões,, porque vêm de Deus. 5.º — Não critiques o que não entendes. 6.º — Cumpre a tua missão mesmo com sacrifício. 7.º — Defende-te dos malvados e resiste ao mal.

## *O Ritual da “Troca de Cabeça”*

Quando um filho-de-santo” está doente ou moribundo, transfere-se a sua doença para algum animal de quatro pés.

É necessário, porém, que o orixá dê o seu consentimento, por meio do jogo dos búzios. O doente recupera a saúde, enquanto o animal adquire a sua doença, sendo sacrificado.

A impressionante cerimônia da **troca de cabeça** é a seguinte: no quarto do enfermo, acham-se o babalaô, com seus auxiliares, todos vestidos com os trajes do ritual. O animal é coberto por um pano preto, passando-se-lhe, antes, **epô** (azeite-de-dendê). Risca-se os pontos de Omulu e acende-se parte da vela de cêra virgem e parte de vela de cabo ou espermacete (vela de sacrifício), cumprindo-se os preceitos necessários. Tira-se a roupa do doente e canta-se os pontos próprios do **vumbi**; passa-se-lhe a **muginga** de pipoca (o preparo da pipoca, feita em areia em panela de barro nova, constitui outro cerimonial). Passa-se depois azeite de dendê pelo corpo do doente, cantando-se os pontos adequados.

A roupa e os cabelos do doente são entregues a Irocô (orixá das árvores). Abre-se uma fenda em uma árvore determinada, ou em sua raiz, coloca-se aqueles objetos, depois fecha-se a mesma. Isso é feito para que

Irocô dê saúde ao doente, enquanto a árvore tiver vida.  
**A vida do doente dependerá da vida da árvore.**

Juntamente com o resto dos objetos do doente, faz-se o enterro do animal, com as cerimônias do **vumbi**. O doente fica escondido até que, no prazo de 7 dias, se complete o ritual do vumbi.

Depois dos 7 dias, dá-se **comida à cabeça**, e faz-se a obrigação dos orixás, conforme o jogo dos búzios houver determinado.

## ***Obrigação do Chefe de Terreiro***

O chefe tem por obrigação instruir os “médiuns” ou “cavalos” no canto, na dança, no jogo dos búzios, no conhecimento das ervas (**macaia**) etc. Os sacerdotes vão tirando os defeitos dos médiuns, ensinando-lhe a riscarem os pontos, a pegarem na pomba, a trocarem língua, imitando a fala dos orixás, no idioma da seita.

Ora, essa aprendizagem requer tempo e paciência. Conforme sobem de grau, na hierarquia do terreiro, vão recebendo as guias (colares), a faca, os búzios, os apetrechos do culto.

Cada guia que possui representa o seu grau na seita: cambono, ogã ou tata ou babalorixá. Por tal circunstância, as guias têm uma significação muito grande, servindo de verdadeiro documento de identificação, entre os filhos da fé.

Assim, com o decorrer do tempo, e um esforço persistente, os iniciados vão conhecendo os segredos da seita, preparando-se para receberem a confirmação dos seus iguais.

Não podemos, desse modo, compreender como há pessoas que, de um dia para outro, se improvisam em babalaôs, sem a passagem necessária pelos graus intermediários, e sem nada entenderem da doutrina e do ritual de Umbanda, traduzindo erroneamente os pontos cantados.

Constitui, então, perigosa leviandade alguém confiar nesses improvisados chefes de terreiro, arriscando-se a desencadear forças espirituais que não sabem controlar, pelo desconhecimento das chaves ocultas que somente são transmitidas oralmente, de geração a geração, há milhares e milhares de anos.

# SANTOS AFRO-

( G Ê G E N )

| Nome         |     | Influência           | Fetiche               |
|--------------|-----|----------------------|-----------------------|
| Olórum-Zambi | (1) | O Universo           |                       |
| Oxalá        | (2) | O Universo           | Anel de chumbo, búzio |
| Xangô        |     | Relâmpago            | Meteorito             |
| Ogum         |     | Guerra, demanda      | Instrumento de ferro  |
| Oxossi       |     | Mata, caça           | Arco e flecha         |
| Omulu        |     | Peste, varíola       | Piassava com búzio    |
| Exu          |     | Agente, mágico       | Barro, ferro          |
| Iemanjá      |     | O mar                | Concha marinha        |
| Iansã        | (3) | Vento, cemitério     | Meteorito             |
| Oxum         | (4) | Água doce            | Seixos rolados        |
| Oxum-Marê ou |     | Arco-iris            | Pedra de raio         |
| Bessén       |     | Cobra                | Cobra                 |
| Irocô        |     | Floresta             | Gameleira branca      |
| Ifá          |     | Adivinhação          | Fruto do dendezeiro   |
| Ibeijí       |     | Gêmeos               |                       |
| Naná         | (5) | Fundo do mar, ruínas |                       |
| Ossãe        | (6) | Ervas e árvores      | Seis ganchos          |

## OBSERVAÇÕES:

- (1) Olórum, o Deus Supremo, no Nagô é Zambi na Angola.
- (2) Oxalá é em gêge, Olissassa; em Angola: Cassombeca e Cassute; em Papa — Incoude Iegum.
- (3) Amala é Caruru com arroz. Serve para Xangô, Ogum e Iansã. O Omolocô cultua Xangô com Iansã.
- (4) Os dias de cada orixá variam nas várias seitas. Vejam

# RO-BRASILEIROS

G N A G Ô )

|     | Insignia                  | Alimentos                | Dias Consagrados       |
|-----|---------------------------|--------------------------|------------------------|
| bú  | Cajado de pastor          | Cabra, pombo branco etc. | 6. <sup>a</sup> -feira |
|     | Lança, machadinha         | Boi, bode, galo, caruru  | 4. <sup>a</sup> -feira |
| fei | Lança, espada             | Bode, galo, catraio      | 3. <sup>a</sup> -feira |
|     | Poliquinho, arco e flecha | Carneiro, galo, milho    | 5. <sup>a</sup> -feira |
| zio | Lança                     | Pipoca,, bode, orobô     | 2. <sup>a</sup> -feira |
|     | Tridente de ferro         | Galo, bode, farofa etc.  | 2. <sup>a</sup> -feira |
|     | Leque, espada             | Pombo, milho, galo       | Sábado                 |
|     | Espada, rabo de cavalo    | Acarajé, galinha, amalá  | 4. <sup>a</sup> -feira |
|     | Abebê (leque), espelhos   | Tainha, cabra, galinha   | Sábado                 |
|     | Espada, vassoura          | Bode, galinha, obi       | Sábado                 |
|     | Pombo                     | Galo, fumo, vinho branco | Sábado                 |
| a   | Árvore                    | Caruru, acassá, abará    | 3. <sup>a</sup> -feira |
| iro | Dendê                     | Canjiquinha branca       | 6. <sup>a</sup> -feira |
|     | Duas crianças             | Pombo, porco             | Domingo                |
|     |                           |                          | Domingo                |
|     |                           |                          | 4. <sup>a</sup> -feira |

nossas páginas neste livro. Em geral, o sábado é o dia das **iabás** (santo feminino).

- (5) Nanã, a mais velha das mães-d'água, ou iaras, é conhecida como gêge Tobossi.
- (6) Ossãe, ou Ossanhe, não pode ser vista por seres humanos, tem uma perna só e aparece no arvoredor, no bambuzal.



## ***Efeito do fechamento do corpo***

O fechamento do corpo tem a finalidade de proteger o indivíduo contra o mal visível e invisível, livrar o seu corpo de facadas e tiros etc.

Escolhe-se um dia especial do ano para a cerimônia. O material utilizado é o seguinte: — um punhal novo, um alguidar, uma vela, de cera benta. Leva-se o animal que vai servir de cruzamento para um campo ou para o gongá.

A cerimônia consiste em fechar a morada (o corpo da pessoa) aos maus fluidos. Para isso, usam-se os pontos cantados e riscados apropriados para evitar o mal visível e invisível, conforme descrevemos na preparação para abrir o terreiro.

A ansiedade de proteção contra os perigos torna muita gente presa fácil de aventureiros inescrupulosos. Um desses intitulava-se “Príncipe de Umbanda”; residia em uma casa ricamente mobiliada. O seu consultório era uma sala pintada de preto e encarnado, onde ele pontificava de turbante hindu das mesmas cores. Havia no aposento uma grande imagem de Lúcifer, o anjo mau, cujos olhos mudavam de cor; o seu ar zombeteiro, com os braços abertos os dentes arreganhados impressionava os ingênuos. O Príncipe de Umbanda pretendia convencer os consulentes de que Lúcifer respondia às perguntas feitas, desde que jogassem lentamente na boca

escancarada da imagem uma garrafa de parati. Isso causava ruídos estranhos. Note-se que a cauda do demônio era ligado ao chão. Havia um dispositivo sob a cauda, tão engenhoso que, ao ser despejado o parati, além dos ruídos, fazia com que os olhos mudassem de cor. . . Tais ruídos eram as “respostas” decifradas pelo astucioso indivíduo. O dispositivo constava de um barril ligado à cauda da imagem. Quando o líquido caía no barril, subia novamente, pela pressão do álcool, pela cauda, provocando os ruídos e os movimentos da imagem. Assim, o “Príncipe” receitava e a receita era preparada em sua própria casa, longe de vizinhos e em lugar ermo.

São esses falsos mistificadores que lançam a imprensa contra os verdadeiros crentes. A Umbanda é uma religião respeitável e nada tem com bruxarias e processos de baixo-espiritismo.

O que acontece é que é legítima a prática de preces e atos mágicos tendentes a proteger os crentes. Todas as religiões adotam preces e cerimônias de caráter mágico para defesa de seus fiéis contra o mal.

## *Confirmação dos Orixás*

O sacerdote treina o filho-de-santo e o desenvolve para receber determinado orixá. Quando julga concluída essa tarefa promove uma festa de apresentação do orixá e convida todos os outros sacerdotes-chefes.

Então, o orixá se manifesta no médium e dá a prova de sua força espiritual. O médium dança sobre uma fogueira, sobre cacos de vidro, como sobre aguerê (brasa) ou acará (algodão) molhado no azeite e incendiado por uma **samba**. Outros vão ao mato apanhar uma cobra, com a qual dançam em volta.

Hoje, poucos terreiros usam tais práticas. Esse novo costume favorece os babás improvisados, que não têm consciência do que fazem.

Quando, no terreiro, se encontram dois Oguns, ou há confirmação de orixá, realiza-se **dança da espada**. É uma cerimônia impressionante e bela, sob o ritmo dos tambores e dos cantos sagrados, que revive a agilidade dos duelos medievais.

Se se encontram, no terreiro, manifestados, Ogum, Xangô e Iansã, realiza-se a dança da espada com o machado, pois de acordo com a lenda, Iansã era mulher de Xangô e foi roubada por Ogum (Oíá é a mulher de Xangô). Após a dança, cumprimenta-se.

Efetua-se a **dança da serpente** se o orixá manifestado é Oxossi ou Ossãe. Todas essas cerimônias apresen-

tam grande beleza e são executadas com todo o rigor do ritual.

Executadas, naturalmente, as cerimônias da iniciação, as demais, que não exijam sigilo, devem ser franqueadas ao público. Entretanto, certos tatas improvisados, que não conhecem bem as mirongas do culto, nem para isso têm idade suficiente, assim não o entendem. Os terreiros não devem negar entrada aos que os procuram, pois dentro da lei de Umbanda os tatas, são obrigados a prestar assistência aos que dela necessitem.

## ***As Iabás***

As “iabas”, conforme já dissemos, são as cozinheiras do culto. A manutenção de um terreiro ocupa muita gente, pois cada qual tem sua função própria. O chefe do terreiro, o babalaô, além de determinar o que deve ser feito, ainda preside às grandes obrigações.

As comidas dos orixás são preparadas com muita limpeza. Têm grande poder alimentício e são temperadas com o condimento adequado.

A verdadeira bebida do culto é o “aluá”. Prepara-se o “aluá” com milho, fubá de arroz ou outra substância que dê fermentação. É queimado para dar cor, havendo o “aluá” branco e o escuro. O “aluá” contém gengibre que lhe dá um sabor especial.

Com o evoluir dos tempos, foram sendo adotadas outras bebidas, como a cerveja preta e a cerveja branca, o “champagne”. O vinho e o parati já vêm de longa data.

Os ossos do animal sacrificado não podem ser quebrados, porém separados pelas juntas. Depois de servida a comida, os ossos são reunidos, recomposto o esqueleto, sem as carnes e despachado tudo para o lugar conveniente.

As “iabás” têm uma ou duas “cotas”, suas auxiliares no serviço doméstico.

O material em que se prepara a comida de santo não é o mesmo da cozinha comum. São panelas de barro

e colheres de pau. Tudo é feito em local separado da cozinha comum. Sobre a panela, coloca-se uma tampa de barro. Em cima desta, coloca-se uma bandeja com um copo d'água virado. Sobre o copo, há uma vela acesa. Sob essa armação, é que ferve a comida do santo.

A comida feita na panela de barro é muito mais saborosa do que a feita em panela de metal. O pão feito no forno a lenha também é melhor.

Pronta a comida, só é servida quando o babalaô dá ordem para ser arriada. Come-se sempre à noite, observado o ritual descrito em nosso livro anterior.

Exige-se da “iabá” muitas qualidades morais e um grande asseio corporal.

## CAMBONOS E OGÃS

A hierarquia da Umbanda compreende sacerdotes masculinos e femininos. Em todos os cultos religiosos, há sacerdotisas. Deve-se esse fato à circunstância de que a mulher possui qualidades espirituais, diferentes das do homem.

Já tratamos da hierarquia sacerdotal na Lei de Umbanda. Damos a seguir alguns detalhes relativos a cambonos e ogãs. Assim, ao grau masculino de “cambono colofé” corresponde o grau feminino de “amorô”.

## CAMBONOS

Quando o iniciado “eurobé” ou “baô”, para o homem, e “iaô”, para a mulher) faz suas obrigações de assentamento de Orixá, e quer conhecer as mirongas da Umbanda, é elevado à categoria de “cambono do abacé”. Passa, então, a atender aos orixás ou bacuros, com a missão de enxugar o rosto do médium que está manifes-

tado e evitar que este se machuque. Atende também aos serviços domésticos do terreiro. Deve usar a guia do seu “eledá”, (anjo-de-guarda), vestindo traje branco completo, inclusive um gorro. Vai se desenvolvendo aos poucos, adquirindo prática, aprendendo a linguagem do culto e firmando seu “pé de dança”. Depois de bem treinado, é promovido a “cambono de ebó”, usando mais uma guia, a de “ebó”.

Nesta nova função, o cambono terá de aprender a despachar para Exu, que tem seu lugar determinado neste planeta onde cada um cumpre a sua missão. As encruzilhadas têm várias denominações e vários donos, sendo: abertas, fechadas, de cabeceira, de caminho etc.

O cambono de “ebó” é obrigado a conhecer a morada dos Exus, para poder entregar as oferendas que lhes são dadas e saber a maneira de efetuar as entregas. Tais oferendas se destinam ao fechamento dos caminhos contra o mal visível e o invisível, por ser Exu saudado em primeiro lugar, em qualquer cerimônia. Somente se coloca nas encruzilhadas ou lugares afastados o “ebó” (despacho) que é carregado de fluídos maus, mas as oferendas são colocadas no assentamento de Exu, onde ficam por determinado tempo, tendo depois destino conveniente.

Um “ebó” carregado de dinheiro, farofa, parati, charuto etc., serve para transferir o mal de alguém para os curiosos, funcionando o dinheiro como chamariz. O leigo pensa que tudo aquilo é para Exu, o que não é exato, havendo o “ebó” direto e indireto, isto é, o primeiro se destina a determinada pessoa e o segundo a quem botar a mão. Isso é arte do quimbandeiro.

O Cambono de “ebó” é obrigado a conhecer as palavras cabalísticas do ritual, para fazer a entrega a Exu, devendo saber como proceder desde à saída do terreiro

até o lugar da colocação. O babalaô fica no terreiro, no peji, firmando o ponto para garantia do cambono, enquanto o ogã, acompanhado por todos, em coro, tira a seguinte corimba:

**Que sai, que sai )  
O “ebó” de Exu ) bis**

Regressando o cambono ao terreiro, terá de bater palmas e esperar ser recebido, o que é feito com um copo com água, que serve para descarregar os maus fluidos que possam vir com o mesmo auxiliar, sendo ainda este defumado. Em seguida, canta-se o ponto de agradecimento. Esses cambonos são bem pagos para fazerem tais serviços, cuja entrega terá de chegar ao seu destino, pois o cambono se deixa o despacho a meio caminho ou em lugar que não pertença ao Exu determinado, sobre ele recai toda a responsabilidade. Exu castiga os que sabem e erram, mas perdoa os que nada sabem. A ambição pelo dinheiro tem prejudicado muita gente.

Em todos os terreiros devem haver os cambonos de “ebó”, para fecharem e abrirem os caminhos, a fim de evitar perturbação nos trabalhos. O cambono de “ebó” é o elemento de segurança da gira.

No ritual nota-se ainda o “cambono colofé”, grau superior ao de cambono de “ebó”. O “cambono colofé” não entrega despachos, e só executa entrega de grandes oferendas ou coloca as mesmas nos assentamentos dos Orixás. Um terreiro pode ter vários “cambonos colofé”, de terreiro e de “ebó”, conforme a necessidade do trabalho.

Para as cerimônias da iniciação, devem ser convocados os “cambonos colofé”, pois são os encarregados

de atender os iniciados durante o período da camarinha. Somente o “cambono colofé” pode entrar na camarinha, quando é chamado pelo iniciando, ou por meio do “adejá” (campainha) ou de palmas, até o dia da saída.

Depois de bem treinado, o “cambono colofé” passa a “ogã de terreiro”, e sucessivamente, “ogã de atabaque” e “ogã colofé”. A ascensão hierárquica da seita requer muito tempo e assídua freqüência.

## OGÃS

No Omolocô, o “Ogã de terreiro”, quando confirmado, é uma grande figura. Significa: “senhor do meu terreiro ou do meu abacé”. Em qualquer terreiro, pode haver alguém com as honras de “ogã”, pelos relevantes serviços prestados passa a usar o título de: “Ogã de Oxum” etc., conforme a entidade. O título de “ogã de honra”, puramente civil, é concedido a critério do babalão e não está sujeito à confirmação.

A tarefa de um “ogã” confirmado é de grande responsabilidade. Inicialmente, na abertura e no fechamento do terreiro, deverá saber tirar todas as corimbas para as cerimônias e cantar para todos os orixás. Quando é confirmado pelas 7 Linhas, tem de saber cantar para diversos rituais dentro do Omolocô ou da nação a que pertencer o orixá, bacuro, vodum e santê (Linha das Almas). Compete-lhe também conhecer todo o vocabulário das 7 Linhas, usar as guias do seu ritual e fazer qualquer cerimônia dentro desse ritual. A falta de um treinamento cuidadoso é que produz tantos ogãs de mentira, como se vê hoje.

O “ogã honorário”, senta-se sempre em uma cadeira de vime, no terreiro, ao lado do babalão, recebendo as homenagens dos filhos do terreiro e retribuindo-as,

com um cambono ou uma “cota” à sua disposição. Mas o movimento do terreiro nessas ocasiões, é administrado pelo “ogã” ou pela “iadogã”, confirmados.

Há nos terreiros os primeiros, segundos e terceiros “ogãs de tambor” (senhor do tambor), que são os responsáveis pela conservação, limpeza e encouramento desse material, não sendo permitido a outra pessoa tocar esses tambores, consagrados dentro do ritual, podendo o “ogã de tambor” ser substituído por outro do mesmo grau, depois da abertura dos trabalhos. Os “ogãs” de tambor são obrigados a conhecer todos os toques e ritmos, seja em Nagô, Gêge, Cabinda, Rebôlo etc., acompanhando o ponto tirado pelo “ogã” do terreiro.

A batida dos tambores só é feita em dias de grandes festas ou cerimônias, e não como fazem hoje, de segunda a segunda-feira, parecendo mais tratar-se de escolas de samba em época carnavalesca, perturbando o silêncio alheio.

Nos dias de desenvolvimento, os “ogãs” de tambor”, uma vez convocados, passam a tocar “ganzá”, “macumba” (espécie de réco-réco) ou “orucungo”, acompanhados pelas palmas dos presentes, dando ritmo aos pontos cantados. O iniciado aprende a cantar e a ter pé de dança, no estilo de cada orixá, formando-se nesse aprendizado as sambas (dançarinas do culto, no Omolocô).

Há também o “ogã colofé” (homem de minha confiança) que transmite as ordens do babalaô ao “ogã” do terreiro e fiscaliza os trabalhos, nas grandes cerimônias.

Qualquer pessoa iniciada no culto pode ser recebida em terreiro, a convite, fazendo o seu cumprimento do ritual, cerimônia muito interessante, mas que se acha hoje muito simplificada, reduzindo alguns centros a recepção ao oferecimento de uma bandeja, copo com

água e uma vela, conduzidos por uma samba, o que não está certo, pois esse encargo compete a uma “cota”, com o material do estilo.

Dentro do culto de Umbanda, não é privilégio exclusivo do babalaô officiar os trabalhos, podendo qualquer um orientar uma sessão, desde que adquira os conhecimentos necessários. Visitamos muitos terreiros cujos chefes não foram iniciados, porém que funcionam regularmente, com a respectiva diretoria e o seu quadro social, havendo um médium responsável na parte espiritual. Alguns prestam mesmo relevantes serviços aos necessitados, embora sem o conhecimento de todas as mirongas de nossa “banda”. Seria de grande conveniência que essas pessoas esforçadas e bem intencionadas se iniciassem em um bom terreiro antigo, para reforço de sua “cabeça”.

Por outro lado, nem todos os iniciados merecem suficiente confiança para que lhes sejam revelados todos os segredos da Umbanda. Acontece que alguns se iniciam visando apenas o êxito comercial. O jogo dos búzios demonstra, porém, a intenção desses curiosos. Possuímos diversos meios de adivinhação, como por exemplo, o jogo dos búzios (o delogún o efá, o opolé, a alubosa etc.), conforme a nação. Os elementos gananciosos pretendem a rápida aprendizagem desses métodos, mas só é permitido a revelação da mironga a quem possa guardar segredo.

Os pesquisadores científicos escrevem muito sobre essa matéria, mas nunca chegam a uma conclusão definitiva, por não poderem compreender os mistérios da “mão de jogo” e do “eché”.

A maioria julga erradamente que o umbandista, depois de iniciado, pode explorar o público. A força espiritual que se recebeu de graça dos orixás deve ser dis-

tribuída de graça. Se, na porta de um terreiro, bater um necessitado de caridade, o chefe do terreiro terá de atendê-lo, fornecendo o dinheiro para a compra do material necessário, a título de empréstimo. Atendida em sua pretensão, a pessoa socorrida é obrigada a devolver a quantia do empréstimo, sob pena de ser julgada pelo orixá.

## REFLEXÕES SOBRE A SEMANA

A religião é o laço entre Deus e os homens. Todas as idéias religiosas têm, pois, um fundamento comum, que é a existência do Ser Supremo, a manifestação de sua vontade através das forças naturais, o destino do homem após sua morte.

Sem preconceitos, nem vaidade, mas com o espírito em comunhão fraternal com todos aquêles que curvam a cabeça ante Deus, procuramos encontrar as provas que ligam a Umbanda à tradição esotérica universal. A proporção que caminhamos na senda do conhecimento, mais a mais se nos afigura próximo demonstrar a unidade fundamental do sentimento religioso, que independe das condições de raça e cultura.

A vida social é organizada de acordo com os fenômenos da Natureza. Vivemos em um planeta, em torno do qual gira um astro muito menor, um satélite, a Lua. Esse astro menor se move em torno da Terra efetuando uma volta completa de um período a que se denominou mês. A medida que vai se movendo, a Lua (que só nos mostra uma parte de sua superfície, pois parece tem um lado mais pesado do que o outro) vai apresentando aspectos vários, a que se deu o nome de "fases", cada uma das quais tem a duração de cerca de sete dias, ou uma "semana". As fases são: Lua cheia, quar-

to mingante, Lua nova, quarto crescente, continuando nessa ordem.

Qual a origem da palavra “semana”? É latina e se compõe de “sept” (sete) e “manes” (deuses). Sept + manes = semana. A semana se compõe de sete dias, sendo o “dia” o período de tempo em que a Terra gira sobre si mesma, caminhando simultâneamente em torno do Sol. Assim, cada dia os romanos dedicavam a um deus de sua religião.

E, feita essa digressão, voltamos ao assunto religioso. A semana constitui, assim uma divisão do tempo apoiada em fenômenos da Natureza, mais especificamente, em fenômenos astronômicos, sendo, portanto, um fato de caráter mundial.

Para chegarmos à semana latina podemos, procedendo de modo inverso, comparar, por exemplo a semana portuguêsã, a francesa e a inglesa, começando pelo domingo.

**PORTUGUESA:** Domingo — Segunda-feira — Terça-feira — Quarta-feira — Quinta-feira — Sexta-feira — Sábado .

**FRANCESA:** Dimanche — Lundi — Mardi — Mercredi — Jeudi — Vendredi — Samedi.

**INGLESA:** Sunday — Monday — Tuesday — Wednesday — Thursday — Friday — Saturday.

Combinando-se essas semanas (de origem latina) vemos que o Domingo é consagrado ao Sol, a Segunda-feira à Lua, Terça-feira à Marte, Quarta-feira à Mercúrio, Quinta-feira à Júpiter, Sexta-feira à Vênus e Sábado a Saturno.

Acontece que o Sol é Febo (Apolo, entre os gregos) e a Lua é Diana. Febo, ou Apolo, é o deus luminoso que percorre o céu em carro de fogo, puxado por dois

cisnes de vôo infatigável. É o médico dos corpos, da germinação e das adivinhações, pois dá oráculos por meio dos adivinhos e das Sibilas, muito se assemelha a Oxalá.

Por sua vez, Diana, sua irmã, é a imagem da Lua. Diana é muito casta. É deusa da caça e gosta de se banhar nas águas cristalinas das fontes, com suas ninfas. Assemelha-se, portanto, a Oxum.

Recomporemos dessa maneira, por dedução, a semana dos romanos: Domingo — dedicado a Febo (Oxalá); Segunda-feira, à Diana (Oxum); Terça-feira a Marte (Ogum); Quarta-feira, a Mercúrio (Oxossi); Quinta-feira, a Júpiter (Xangô); Sexta-feira, a Vênus (Iemanjá); Sábado, a Saturno (Omulu).

Explica-se a similitude de Mercúrio com Oxossi, porque Mercúrio é o deus romano dos pastores e dos viajantes que andam pelos campos e pelas matas. É também o deus dos negociantes. Quanto a Júpiter e Xangô, Júpiter, à semelhança de Xangô, é o deus do raio e da tempestade; daí o seu nome de Júpiter Tonante. Tratando-se de Vênus e Iemanjá, o sincretismo está certo, porque Vênus nasceu da espuma das ondas e Iemanjá é o orixá do mar.

A semana ritual da Umbanda é a seguinte:

**DOMINGO** = Nanã, Ibeiji.

**SEGUNDA** = Omulu, Iansã, Exu.

**TERÇA** = Ogum, Oxum, Ossãe.

**QUARTA** = Xangô, Obá, Bessen (Oxum-marê).

**QUINTA** = Oxossi, Irôco, Iodé.

**SEXTA** = Oxalá.

**SABADO** = Iemanjá.

A título de curiosidade, vamos estampar a semana civil Nagô:

DOMINGO = Ójó oluwa ijósé.

SEGUNDA = Ójó keji ósé.

TERÇA = Ójó kêta ósé.

QUARTA = Ójó kérin ósé.

QUINTA = Ójó kárún ósé.

SEXTA = Ójó kifá ósé.

SABADO = Ójó kelim ósé.

A entidade romana que mais se assemelha a Exu é a deusa “Hécate”, que reina nos caminhos, nas ruas da cidade, nas encruzilhadas e nos cemitérios. Em nome de Hécate, os mágicos pronunciavam as terríveis fórmulas de seus encantamentos.

\* \* \*

O antigo calendário se baseava no período de 13 luas. O ano se compunha, assim, de 13 lunações completas. O calendário europeu atual tem, porém, outra base.

Acabou a Semana Santa, que é uma data móvel. Por quê? Porque a Semana Santa deve cair na mesma lua, todos os anos. Deve cair entre o Quarto Crescente e a Lua Cheia. Assim, justifica-se que essa comemoração do Cristianismo seja realizada em datas diferentes no calendário civil.



## ***Onã - Ofá***

A ciência muito deve aos antigos apanhadores de ervas, ou **onã-ofá**, que, de acordo com a orientação dos bacuros e pretos-velhos, iam ao mato procurar plantas medicinais.

Há doenças que são curadas por simples “simpatia”, isto é, por meio de ervas, banhos ou passes magnéticos. Pessoas que se dizem entendidas acham que tudo isso não passa de credice, mas a verdade é que o doente fica bom. Bronquite, asma, mal de gôta, mal de 7 dias e outras, eram curadas por meio dessas ervas e processos mágicos.

Esses apanhadores de ervas conheciam as virtudes de certas plantas e o seu poder curativo. Não havia, na aldeia, nem médicos nem farmacêuticos. A quem recorrer o doente?...

Nos cultos afro-brasileiros, esses **onã-ofá** sabiam quais as ocasiões em que deviam apanhar as ervas para uso no ritual dos terreiros.

Quem dava as ervas, fazia-o por pena do doente, mas caía na pena da lei. O que interessa ao doente é ficar curado. Mas a lei considera isso “falsa medicina”. É preciso, então, arranjar uma lei que proíba, no espaço astral, um espírito de luz receitar remédios para minorar os padecimentos dos vivos.

Ainda há muita coisa a ser esclarecida no que diz respeito aos cultos afro-brasileiros e, conforme a oportunidade, iremos, no desempenho de nossa missão, trazendo aos nossos prezados leitores tais conhecimentos.

Para que haja um equilibrado conforto na vida terrena, necessário é que a matéria esteja sã e seu espírito corresponda aos princípios de conformação.

Existem pessoas miseráveis com manias de riquezas, inconformadas com seu estado de miserabilidade, sofrendo pelo complexo de seus espíritos, criaturas tão orgulhosas que preferem comer restos de comida jogados fora, muitas vezes em lata de lixo, do que pedir qualquer auxílio, dormindo ao relento, vivendo sob a ação do tempo, mas que com todos estes desconfortos gozam de boa saúde.

No presente caso, trata-se de espíritos evolutivos que, não se conformando com tal provação, revoltam-se, e quem procurar cortar essa provação, em querer auxiliar sua matéria, ficará com sua gira fechada, porque o mal é repartido, razão por que devemos auxiliar tais criaturas somente quando nosso eledá mandar, mas dando sem procurar saber para quê.

## ***E necessária a língua africana***

Chegou-nos, há dias, uma carta do Sr. Félix S. M., que pergunta por que em certas cerimônias nos cultos afro-brasileiros, não podemos usar o vocabulário português.

Toda palavra mágica obedece a uma cabala vibratória que pertence às partes positiva e negativa. Há palavras que ditas em português, em certos rituais, não dão a vibração esperada, perdendo, assim, toda a influência de atração cabalística.

Todo país tem suas palavras cabalísticas que obedecem à atração de seu povo, razão por que todos os nomes de pessoas têm sua origem, seu significado e influência registrados dentro da sua cabala.

As missas ditas em latim, com seus preceitos e rituais cerimoniais têm uma outra vibração, que não tem faladas em português, o que acontece com as corimbas que são cantadas nos cultos afro-brasileiros, no seu vocabulário de origem, porque o som formado em nossa língua não tem a vibração dentro da cabala daqueles cultos, que forma o eró das forças ocultas.

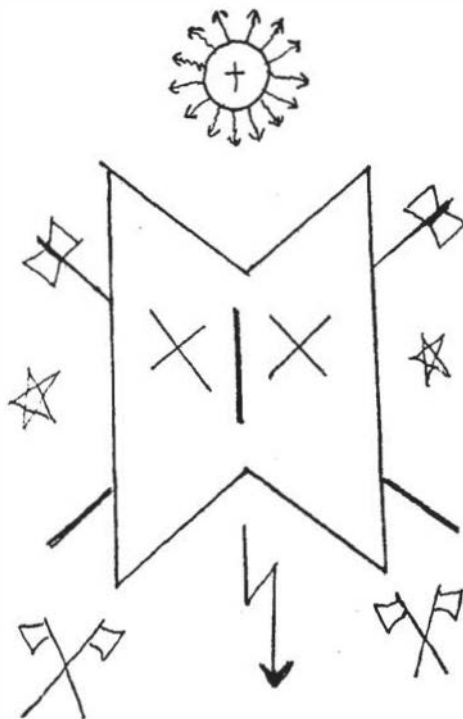
Se formarmos um terreiro que vem do africanismo e todos os seus membros falarem uma outra língua que não a de origem africana, base dos cultos afro-brasileiros, a influência perderá todo o seu efeito.

Assim, se um estrangeiro, radicado no Brasil, uma vez sendo médium e procurar iniciar-se num culto afro-brasileiro, receber sua digina de iniciação e falar o dialeto do culto a que pertença, ao entrar em um terreiro e lá cantarem uma corimba que pertença ao seu eledá, isto é, o que foi "assentado", ou cai em transe, ou dá

signal da aproximação da entidade que for atraída pela corimba.

Isto acontece porque o que a pessoa tem no "ori" (cabeça), está registrado dentro da cabala mágica da natureza em que a pessoa tem compromissos para com certos preceitos, e vai arcando com sérias responsabilidades de acordo com os conhecimentos que vai adquirindo.

O emprego de uma simples prece já é outra coisa, obedecendo aos costumes e linguajar de um povo.



ZIZE-ZAZE MANBERIBE

## ***O poder das rezas***

Dentro do eró das forças ocultas, há muitas rezas contra certos males que atacam as criaturas e animais, que colocam a ciência do homem em dificuldade para curá-los. .

As rezas que não têm os poderes das forças ocultas são bonitas para a matéria, mas fogem aos princípios da cabala que rege aquelas forças, tendo somente atração para com os espíritos evolutivos e não os da natureza, tudo por obedecerem a uma linguagem fora de suas origens.

Cada reza tem suas palavras mágicas e seus efeitos pela vibração de atração. No interior do país é comum ver-se rezas contra pragas da lavoura, bicheiras em animais, contra peste etc.

Certa ocasião, assistimos, no interior de Minas Gerais, a passagem de uma procissão que tinha como objetivo pedir chuva e proteção contra a peste.

Quem fazia as orações numa linguagem estranha era um humilde lavrador.

O céu estava claro, e naquele lugar não chovia há meses e quando a procissão terminou sua caminhada, o céu escureceu e desabou um grande temporal.

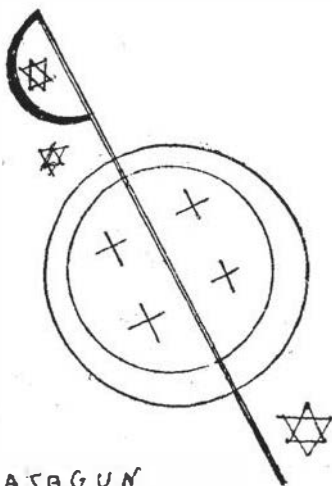
Os leigos dizem que tais casos não passam de simples coincidência, mas o fato é que quando não chovia, pediam ao rezador que pedisse chuva e, quando a pro-

cissão recolhia-se, a chuva caía. E isto aconteceu diversas vezes.

Voltando ao verdadeiro sentido da matéria, queremos dizer que quando seguimos uma religião, devemos procurar saber o porquê de certas cerimônias para não cairmos em ridículo e não sermos apontados como fanáticos.

O ritual de uma tribo indígena pode parecer estranho para quem não o conhece, mas tem sua finalidade e sua cabala, o que acontece com as “nações” africanas.

Os sacerdotes dos cultos afro-brasileiros, no cumprimento de seus sagrados deveres, devem apoiar a construção da Universidade Espiritualista de Umbanda do Brasil, o que virá trazer grandes conhecimentos para todos os adeptos da seita.



OGUN - ASAGUN  
DEFESA

## *Panorama*

É o seguinte o verdadeiro panorama da situação da Umbanda no Brasil, e, especialmente, no Estado do Rio.

— A Umbanda é de origem, indiscutivelmente, africana, não obstante as teorias desenvolvidas por elementos não categorizados.

A Constituição de 1946 concedeu liberdade de cultos, o que, em si mesmo, concorda com a índole tolerante do povo. Centros kardecistas, em virtude de não possuírem as características de uma religião organizada (doutrina sagrada, ritual, corpo sacerdotal) passaram a adotar, aos poucos, as cerimônias dos cultos de procedência africana.

A consequência foi a proliferação de milhares de centros e terreiros, sem, todavia, um controle central, como há em todas as religiões organizadas. Cada qual inventou o seu ritual próprio. Uns com sincero sentimento religioso; outros, com intenções de comércio. Assim, há centros, no Rio e no Estado do Rio, que são antros de lenocínio, jogatina e maconha. Esses não querem se filiar às organizações religiosas federativas.

O grande erro, que vem de longe, foi a Polícia conceder “alvarás” de licença, mediante pagamento. Criou-se a indústria dos alvarás, com a intromissão de deputados e vereadores. Ao invés de ouvir as federações, confederações e uniões religiosas, qualquer subdelegado de polícia se arvora em árbitro do exercício de culto

No Rio, em 1950, fundou-se a Confederação Espírita Umbandista, que iniciou uma campanha de esclarecimento doutrinário, visando a acabar com os abusos, as deturpações e os erros. Logo depois, foi instalada a Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro, que começou o seu programa de agremiação e doutrinação.

Há cerca de quinze anos, surgiram no Rio, como cogumelos, numerosas associações com o rótulo de “uniões”, “federações” etc., mas dirigidas em sua maioria, por elementos que não são sacerdotes e nada conhecem dos fundamentos das seitas das quais se proclamam, com intrujice “líderes”.

Em 1952, apareceu a União Nacional dos Cultos Afro-Brasileiros, destinada a agremiar os cultos afro-brasileiros (nagô, ou candomblé, omolocô, ijexá, gêges etc.), os quais não aceitam a denominação de “Umbanda”, nem são umbandistas.

Cerca de seis anos o Estado do Rio foi invadido pelas associações fundadas no Rio, sem o competente registro, quer em cartórios, quer na Secretaria de Segurança Pública. Apareceu, mesmo, em Meriti, uma associação dita “beneficente”, manobrada, imaginem, por um egresso da Penitenciária do Rio, onde cumpriu sentença por crime de estelionato e apropriação indébita. É o cúmulo! . . .

A Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro, registrada no Cartório Tobias Barreto, na Divisão de Ordem Política e Social, na Delegacia de Costumes e no Conselho Estadual do Serviço Social, é a única considerada de utilidade pública (Lei n.º 2.867, de 5 de julho de 1956). Não faz campanha contra o governo, conderia o materialismo ateu e não permite a intromissão em suas fileiras, de agitadores.

## ***Reestruturação da Umbanda***

Ninguém pode fazer o que bem entende, a não ser que viva sozinho no deserto. É que o homem é um animal gregário, isto é, vive em sociedade, faz parte de um grupo social. Cada grupo social tem suas leis específicas, suas normas de ação, suas regras de conduta.

As pessoas que sentem vocação para a vida religiosa adotam determinada doutrina sagrada — que não inventaram. Já encontraram uma tradição de séculos de milênios, sedimentada através da transmissão oral ou escrita dos mais velhos para os mais novos.

Isso acontece em todas as religiões; menos na Umbanda. Nos cultos afro-brasileiros, ninguém pode inventar modas. O que se vê em um templo nagô ou omolocô, vê-se em todos os templos do nagô ou do omolocô: Car-rancismo? Não! Apenas respeito à tradição dos maiores.

Os defensores da anarquia na Umbanda argumentam que a Umbanda está em evolução. Que evolução é essa? Evolução para o errado. Não podemos exigir de cada chefe de terreiro que possua cultura literária. O que podemos exigir é que possua cultura religiosa, pelo menos na parte relativa ao culto de que se diz praticante e oficiante.

Para fugir à obrigatoriedade do grau sacerdotal de quem é chefe de terreiro, os membros defensores da anarquia acham que os “guias”, as entidades baixadas, é

que devem orientar tudo. Ora, respeitamos muito os nossos veneráveis guias que se incorporam nas pessoas vivas, nos médiuns.

Mas acontece que a manifestação mediúnica é apenas uma parte de nossa religião. Os próprios guias arriados estão sujeitos à tradição milenar de nosso culto. Além disso, não é somente na Umbanda ou nos cultos afro-brasileiros que ocorre a mediunidade.

Quem manda em um terreiro, dentro das normas de nossa religião, é o seu chefe. Mesmo os guias espirituais atendem às ponderações do chefe do terreiro. E se esse chefe de terreiro não é sacerdote, não é iniciado ou “feito”; nada entende da doutrina religiosa ou de seu complexo ritual? O terreiro, então, correrá perigo, poderá haver morte, loucura, perturbações, lutas corporais.

Quando se lê em qualquer jornal que houve o “diabo a quatro” em um centro ou terreiro, podemos concluir, logo, que o chefe desse terreiro não é “feito” ou se descuidou demasiado. De qualquer forma, a responsabilidade é sua, de vez que a segurança do terreiro depende principalmente dele, e não dos “guias”. Espíritos maléficos ou zombeteiros se aproveitam da ignorância ou irresponsabilidade do chefe de terreiro, vêm a “gira” desguarnecida, sem garantia, baixam nos médiuns despreparados, ou “cabeças de oratório”, e fazem uma grande confusão da qual pode até resultar mortos e feridos, ou incêndios e explosões.

O indivíduo que, por ganância ou fanatismo, sem ser preparado, sem ter o grau sacerdotal, sem ter sido feito ou iniciado, abre um centro ou terreiro, atrai médiuns e freqüentadores, está cometendo um crime, o crime da mistificação, usando de falsa qualidade, que é também ato delituoso.

Diante, pois, do que acima fica exposto a Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro, que é considerada de utilidade pública pela lei estadual n.º 2.876, de 5 de julho de 1956, resolveu tomar posição firme e irredutível contra a mistificação religiosa. Exigirá dos chefes de centro ou terreiro a prova de que são sacerdotes ou “feitos”, ou, em caso contrário, os submeterá a exame de habilitação perante mesa examinadora composta de sacerdotes do culto que indicarem.

A Constituição Brasileira garante o livre exercício dos cultos religiosos. Entenda-se: “culto religioso”. O que é culto religioso? É aquêle que tem uma doutrina sagrada, um ritual definido e um corpo sacerdotal. A lei não protege nem a bagunça, nem a mistificação.

## *Preconceitos da Lei*

Nos cultos umbandistas, há duas espécies de cumprimento: o do orixá e o individual. O individual é o da mão, apertada com firmeza, seguida do toque especial, havendo o cumprimento de *tata a tata*, e de *filho-de-santo a filho-de-santo*.

O cumprimento do orixá é o do abraço ombro a ombro, direito e esquerdo, esquerdo e direito. Acontece, porém, que estão deturpando o cumprimento da seita, usando o do orixá manifestado como se fosse o individual. O cumprimento individual depende da hierarquia na seita.

Durante a Quaresma (7 semanas), os terreiros são fechados e não desce orixá algum. No Rio, o costume é fechar o terreiro no dia de São Sebastião, 20 de janeiro e reabrir no Sábado de Aleluia.

Mesmo alguns kardecistas respeitam a Semana Santa, pois é a semana em que os anjos da guarda prestam contas aos seus superiores espirituais do que se passa na terra. E vão pedir *maleme* (perdão) para os homens que não sabem o que fazem, ou *aba* (paz) universal para todos.

Só ficam Exu, o mensageiro, e Pomba-Gira, manobrando na terra. É quando muitas vezes fazem das suas, pois a terra está entregue a espíritos maus, que têm poder sobre os pecadores sem fé.

Nessa época verificam-se desastres, crimes, incêndios, enchentes etc.

Os cultos das almas celebram ladainhas. Os umbandistas, em sua maioria também católicos, vão às igrejas, confessando-se e pedindo perdão dos seus pecados. Já mostramos como se deu a entrosagem entre o umbandista e o catolicismo.

O umbandista não vai a um cemitério sem tomar seu banho de ervas e nessa visita, não se veste de traje preto. Não visita um doente ou um morto, sem na volta, tomar banho de ervas, porque onde há doente ou morto, há espíritos maus.

Só come as partes do animal ou ave que pertencem ao seu anjo da guarda. É que todos respeitam sua quizília. Não come nem bebe em vasilha rachada, nem restos de outra pessoa. E também não veste roupa alheia.

O umbandista, seguindo um sábio preceito de higiene, não é capaz de beijar coisa alguma, seja ou não do culto. Quando não quer comer ou beber alguma coisa que lhe oferecem, ou beijar qualquer objeto sagrado, beija as pontas dos dedos e bate no objeto com a mão aberta.

\* \* \*

Nos cultos da Guiné e Luanda só se bate cabeça nas cerimônias da seita. O orixá recebe esse cumprimento no altar. O cumprimento devido ao mestre de preceito e outras autoridades é o de ambos os braços levantados, com os palmas voltadas.

Quando se faz obrigação de cabeça, invoca-se Oxaniã e Amacé. Para qualquer trabalho à noite, invoca-se Urumilá, que é o zelador das almas vivas, no sono. Pede-se licença também a Abaluaíê (São Miguel) e a Tubaíé (São Tobias), o primeiro porque cuida das almas

sem função na terra, o segundo porque cuida dos corpos sepultos. Reverencia-se também a Exu, que é o guarda do trânsito das almas.

Nesses cultos a oferenda a Exu é feita no mato, ao pé das grandes árvores, ou nos campos, nos pastos, em lugares que não possam ser profanados por veículos ou pedestres. Não se coloca despacho nas encruzilhadas, exceto se se tratar de pemba moída, farinha ou líquido fora da garrafa.

Qualquer iauô, pertencente a terreiro de Guiné e Luanda, pode visitar qualquer terreiro, desde que seja governado por Oxalá e Exu. Se for chamada a auxiliar, pode fazê-lo, nos limites de sua competência. O luandês e o guinês não demandam contra ninguém. Protegem-nos, de vigilância, Exu e Abaluaiê, devidamente assentados para desviar todos os males e contra-atacar os inimigos à vista ou ocultos.

## ***Amuletos***

O uso de amuletos não é privativo dos umbandistas. Em todas as religiões, com os mais diversos nomes e intenções, sempre se usou desses objetos, aos quais se atribui virtudes mágicas. Não importa o grau de cultura do devoto, nem a sua condição social.

O amuleto serve para proteger o crente de males visíveis e invisíveis. A sua fabricação obedece a um ritual mágico complicado. Os amuletos são tirados das árvores sagradas, que são, para os umbandistas, a gameleira, a cajazeira, a guiné, a arruda e outras. Faz-se também de azeviche. Há dias e horas apropriadas para se tirar um amuleto. Têm a forma de figas. Representam rostos e alguns mostram numerosos braços, como os das imagens de Buda..

Depois de colhidos nas árvores, os amuletos são preparados em amaci, contra os males que andam na terra. Há ainda o benguês, ou patuás (breves) etc. Conduzem-nos junto ao próprio corpo.

Mas nem todos os amuletos são de uso pessoal. Há os chamados cambiá. Encontra-se em todos os terreiros um cambiá enterrado, na entrada. Os filhos e filhas de terreiro também têm o seu cambiá enterrado em casa. Seguindo esse exemplo, casas de comércio colocam atrás da porta ferraduras, estrêlas do mar etc.

Prepara-se ainda cambiá de seres vivos, como as cobras. Assim, quando o indivíduo invejoso ou mal intencionado entrava na casa e passava por cima do cambiá, sentia-se doente, com dores, cólicas e lágrimas. Outros ficavam assombrados, na entrada da casa, ou eram perseguidos por uma cobra. Quem sabia desses mistérios, ao entrar pedia licença ao invisível ali plantado.

O hábito de pedir licença, quando a gente entra em alguma casa, representa uma sobrevivência desse costume. Na porteira das fazendas, os cavaleiros saltavam da montaria, diziam "Louvado seja Deus e Nosso Senhor Jesus Cristo" e tornavam a montar. Há pouco tempo, visitando um terreiro em Caxias, o seu chefe nos disse sorrindo: "Já sei que os senhores são bem intencionados". Referia-se ao cambiá do terreiro.

Nos terreiros, os filhos e filhas de santo fazem as cerimônias adequadas quando entram.

# *Índice*

|                                                                        |    |
|------------------------------------------------------------------------|----|
| Os objetivos da Congregação Espirita Umbandista do Brasil (CEUB) ..... | 5  |
| Prefácio .....                                                         | 7  |
| Introdução .....                                                       | 9  |
| Organização Jurídica .....                                             | 13 |
| Orientação Prática .....                                               | 19 |
| Organização Administrativa .....                                       | 21 |
| Organização Administrativa de um Terreiro .....                        | 23 |
| Organização Religiosa .....                                            | 25 |
| Organização Religiosa de um Terreiro .....                             | 27 |
| Quadro demonstrativo de um Terreiro .....                              | 34 |
| Preparação para abrir o Terreiro .....                                 | 36 |
| Consagração do Terreiro .....                                          | 38 |
| Consagração dos "Otás" .....                                           | 40 |
| Consagração do Adepto .....                                            | 41 |
| A Iniciação Umbandista .....                                           | 45 |
| Iniciação no Candomblé .....                                           | 52 |
| Confirmação dos Graus .....                                            | 55 |
| Trajes do Ritual .....                                                 | 60 |
| Comidas de Santo .....                                                 | 61 |
| Preceitos de Gêge Nagô .....                                           | 64 |
| Guias .....                                                            | 66 |
| O Decá .....                                                           | 68 |
| Preceitos do Nascimento .....                                          | 75 |

|                                      |     |
|--------------------------------------|-----|
| O Matrimônio Umbandista .....        | 76  |
| Hierarquia nos Terreiros .....       | 82  |
| Funções do Chefe de Terreiro .....   | 84  |
| O Ritual da "Troca de Cabeça" .....  | 85  |
| Obrigação do Chefe de Terreiro ..... | 87  |
| Santos Afro-Brasileiros .....        | 88  |
| Efeito do fechamento do corpo .....  | 91  |
| Confirma o dos Orixás .....          | 93  |
| As Iab s .....                       | 95  |
| Reflexões sobre a semana .....       | 102 |
| On -Of  .....                        | 107 |
|   necessária a língua africana ..... | 109 |
| O Poder das Rezas .....              | 111 |
| Panorama .....                       | 113 |
| Reestrutura o da Umbanda .....       | 115 |
| Preconceitos da Lei .....            | 118 |
| Amuletos .....                       | 121 |





## LIVROS DE UMBANDA, OCULTISMO E MAGIA

**COMO ADIVINHAR O FUTURO NA BOLA DE CRISTAL.**

**COMO COMBATER O FEITIÇO** — Maria Helena Farelli.

**COMO EVITAR O OLHO GRANDE** — Carlos Francisco Xavier.

**COMO FAZER SIMPATIAS** — Maria Beblana Ferreira dos Santos.

**FEITIÇOS DO CATIMBÓ** — Prof. Severino Cavalcante.

**IMPRESSIONANTES CASOS DE MAGIA NEGRA** — Antônio A. Teixeira.

**LIVRO DA BRUXA OU FEITICEIRA DE EVORA** — Amadeo de Santander.

**LIVRO COMPLETO DOS SONHOS** — Mahal Bathan.

**LIVRO DO FEITICEIRO ATHANASIO**

**LIVRO GIGANTE DE SÃO CIPRIANO CAPA DE AÇO.**

**LIVRO GIGANTE DE SÃO CIPRIANO CAPA PRETA.**

**LIVRO DE ORAÇÕES.**

**LIVRO DA PODEROSA CRUZ DE CARAVACA.**

**LIVRO DA SAGRADA CRUZ DE CARAVACA.**

**LIVRO DA SANTÍSSIMA CRUZ DE CARAVACA.**

**LIVRO DE SÃO CIPRIANO DAS ALMAS** — J. Botelho Sabugosa.

**LIVRO DOS SONHOS DE GAGLIOSTRO.**

**LIVRO DA VERDADEIRA CRUZ DE CARAVACA.**

**MANUAL DA CARTOMANTE** — Yllema Hormazabal.

**MANUAL DE REZAS E MANDINGAS** — Cândido Emanuel Félix.

**PODEROSO LIVRO DE SÃO CIPRIANO.**

**TAROT O BARALHO DA FORTUNA** — Nicodemus del Valle.

**VERDADEIRO BREVIÁRIO DE NOSTRADAMUS** — M. Nostradamus.

**BANHOS DE DESCARGA E AMACIS** (Defumações e Oferendas).

**BREVIÁRIO DO UMBANDISTA** — Altair Pinto.

**CARTILHA DA UMBANDA** — Cândido Emanuel Félix.

**CATECISMO DO UMBANDISTA** — Pompílio Posserra Eufrásio.

**COMO DESMANCHAR TRABALHOS DE QUIMBANDA** — Vol. I.

**COMO DESMANCHAR TRABALHOS DE QUIMBANDA** — Vol. II.

**CURAS, MANDINGAS E FEITIÇOS DE PRETO VELHO.**

**DICIONÁRIO DA UMBANDA** — Altair Pinto.

**NA GIRA DA UMBANDA E DAS ALMAS** — Dr. Byron Tôrres de Freitas.

**GUIA E RITUAL PARA ORGANIZAÇÃO DE TERREIROS DE UMBANDA.**

**LIVRO DOS EXUS** — Antônio de Alva.

**ORAÇÕES DA UMBANDA** — José de Arimatéa Nunes.

**OXALÁ** — Lucius.

**OXÓSSI** — Antônio A. Teixeira.

**O PODER DAS ERVAS NA UMBANDA** — José Ribeiro.

**LIVRO DOS MEDIUNS DE UMBANDA** — Antônio A. Teixeira.

**MAGIAS DA UMBANDA** — Jota Alves de Oliveira.

**AS SETE FORÇAS DA UMBANDA** — Maria Helena Farelli.

**TRABALHOS DE PRETOS-VELHOS** — Luely Figueiró.

**UMBANDA PARA TODOS** — DECELSE

**A MAGIA E A ASTROLOGIA DOS CIGANOS** — Maria Helena Farelli.

**MAGIAS PARA O AMOR** — Maria Helena Farelli.

**ANASTÁCIA (ESCRAVA E MÁRTIR NEGRA)** Antônio A. Teixeira.

### PEDIDOS A

|                                                                                     |                                                    |                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
|  | <b>EDITORA ECO</b>                                 |  |
| <small>EDITORA ECO</small>                                                          | <small>O ESPIRITUALISMO EM FORMA DE LIVRO.</small> | <small>EDITORA ECO</small>                                                          |

Rua Marquês de Pombal, 172 - Caixa Postal 11.000 - 20.230  
Telefones: 221-5016 e 232-4681 - Rio de Janeiro - RJ